



III Congresso Internacional
de Educação Ambiental
dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa

LIVRO DE RESUMOS

ATIVIDADES

Educação Ambiental e Participação Social
Travessias e encontros para os bens comuns

8 a 11 de Julho de 2015
Torreira · Murtosa

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO: RAMOS PINTO, Joaquim; FERREIRA, Dulce

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DE ÁREAS DE TRABALHO:

Adelina Ramos Pinto; Agostinho Oliveira; Araceli Serantes; Bela Dutra; Carla de la Cerda Gomes; Daniela Figueiredo; David Silva; Dulce Pereira; Dulce Ferreira; Filomena Martins; Germán Vargas Callejas; Januário Vieira da Cunha; Joana Rodrigues; Joel Vilarinho; Júlia Rigueira; Manuela Oliveira; María Barba Núñez; Maria João Correia; Laura Gonzalez; Mário Oliveira; Olga Santos; Pablo Meira; Plácida Lopes; Ramséz Pérez; Marília Torales; Sara Carvalho; Telma Fontes; Virginia Rodriguez Álvarez

SECRETARIADO

Agressando Leal; Élsio Ribeiro; Rita Barbedo

ORGANIZAÇÃO:

Associação Portuguesa de Educação Ambiental; Câmara Municipal da Murtosa; Fábrica Centro Ciência Viva da Universidade de Aveiro

APOIOS Institucionais:

Associação Nacional de Pós-graduação em Educação - GT22 Educação Ambiental; SEIA; Cine-Eco 2014; Instituto das Comunidades Educativas; Instituto Superior Politécnico de Viseu; Escola Superior de Educação de Viseu; MARAPA; Quinta Ecológica da Moita – Aveiro; ImpacTrip; Projeto Apoema; ADEGA; Climántica; Rede de Investigación en Educación e Formación para a Cidadania e a Sociedade do Coñecemento; RESCLIMA; FEDER; TAP Portugal; Reserva Natural das Dunas de S.Jacinto; Delta Cafés; AmBioDiv; Escola Superior de Educação e ciências Sociais – Intituto politécnico de Leiria

PARCEIROS:

Agência Portuguesa do Ambiente; Carta da Terra Internacional; PlanTEA; CPLP; Ministério dos Negócios Estrangeiros, Camões – Instituto da Cooperação e da Língua; Ministério da Educação e Ciência; Agência Portuguesa do Ambiente; Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares; Instituto da Conservação da natureza e das Florestas; ONGD; Agrupamento de Escolas da Murtosa.

EDIÇÃO: Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA)

DATA: julho de 2015

ISBN: 978-989-20-6240-2

O conteúdo e opção de escrita dos textos publicados são da responsabilidade dos respetivos autores.

Nota de Abertura	5
Minicursos	8
<i>Trilhas de percepção ambiental em diferentes cenários: das paisagens naturais às problemáticas ambientais do Rio de Janeiro.....</i>	<i>9</i>
<i>Varolização da cultura local através da animação: uma perspectiva da educação ambiental.....</i>	<i>11</i>
<i>Processos dialógicos para a articulação de caminhos para que as escolas se tornem espaços educadores sustentáveis</i>	<i>14</i>
<i>Políticas públicas em educação ambiental: desafios e possibilidades rumo à sustentabilidade</i>	<i>16</i>
<i>Educação ambiental emancipatória - metodologias participativas</i>	<i>19</i>
<i>Média e as alterações climáticas: estratégias para a sala de aula</i>	<i>21</i>
<i>Segurança higiene e medicina do trabalho nas ações de voluntariado de limpeza de praias marítimas e margens de rios</i>	<i>23</i>
<i>Processos formadores de valores para sociedades sustentáveis: a construção do sujeito educador ambiental.....</i>	<i>25</i>
Oficinas	28
<i>A arte de tecer sonhos</i>	<i>29</i>
<i>Landart? Eco-arte? Arte e natureza?.....</i>	<i>32</i>
<i>Da baleação à ciência - a arte do scrimshaw</i>	<i>35</i>
<i>Oficina de produção de materiais didáticos a partir de resíduos sólidos reutilizáveis: uma proposta de educação ambiental no ensino de ciências</i>	<i>38</i>
<i>O Projeto Rios</i>	<i>41</i>
<i>Relações socioambientais em jogos e dinâmicas de educação ambiental</i>	<i>43</i>
<i>O uso do jogo didático para o ensino de espécies do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque.....</i>	<i>45</i>

<i>A arte terapia em espaços de ensino formal: sentidos e sensações na busca de uma educação que se movimenta</i>	48
<i>Escolas sustentáveis e ensino à distância: tecnologias da informação em foco</i>	51
<i>Educação ambiental e Agenda 21: redes em construção</i>	54
<i>Novas formas de sensibilizar os jovens para as alterações climáticas</i>	55
<i>Tecnologia na educação ambiental – uma nova abordagem didático-pedagógica</i>	56
<i>Biomuseologia - sinergias criativas de valorização do patrimônio local</i>	58
<i>MONitorizar, limpar e educar para um mar sem lixo</i>	60
<i>Oficinas de sensibilização em educação ambiental e arte</i>	62
<i>O caminho individual para uma sustentabilidade global - confeção de sabonetes, cremes e desodorizantes naturais</i>	65
<i>Bacia hidrográfica e participação social</i>	67
<i>No rasto dos mamíferos</i>	69
Mesas redondas	70
<i>Educação ambiental e gestão/redução de risco de desastres</i>	71
<i>O Processo de Ambientalização nas Instituições de Educação Superior</i>	74
<i>Experiência fora de portas - necessária ou acessória?</i>	76
<i>Rede internacional Charcos com Vida</i>	79
<i>Educação ambiental no ensino superior para a construção de espaços educadores sustentáveis</i>	81
<i>A literacia do oceano nos países de língua portuguesa</i>	84
<i>Políticas Públicas em educação ambiental: desafios e possibilidades rumo à sustentabilidade</i>	87
<i>Parceria dos países de língua portuguesa para o lixo marinho - juntos por um mar sem lixo</i>	90
<i>Transdisciplinaridade educacional emancipatória – construindo conhecimento colaborativamente</i>	93

<i>A Rede Pardela: traballo en rede para mellorar a xestión dos espazos naturais protexidos</i>	97
<i>Panorama da educação ambiental no Estado de Alagoas (Brasil)</i>	98
Eventos paralelos	100
<i>Educación e comunicación do cambio climático</i>	101
<i>Participación social na conservación dos ecosistemas fluviais. A rede ibérica de Proyecto Ríos</i>	104
<i>Ciclo ecossocialismo ou barbárie: diálogos sobre educación ambiental, agrobiodiversidade e políticas públicas de transição para sociedades sustentáveis</i>	106
<i>Escolas na transição para a sustentabilidade</i>	110
Visitas de estudo	112
<i>Quinta Ecológica da Moita - um laboratório vivo para a educação</i>	113
<i>Visita ao cordão dunar de S. Jacinto</i>	115
<i>À descoberta dos habitantes selvagens entre as dunas da Reserva Natural ...</i>	117
<i>À descoberta do património imaterial e cultural da Murtosa</i>	118
<i>Avifauna lagunar – olhar atento, ecossistema rico</i>	120
<i>Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto</i>	122
<i>Observação de aves – um exemplo prático de fácil reprodução em diversos ambientes</i>	124

Nota de Abertura

Joaquim Ramos Pinto

joaquim.pinto@aspea.org

Presidente da Comissão Organizadora

ASPEA

Os mais sinceros agradecimentos a todos os dinamizadores de atividades no 3º Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa. Um afetuoso agradecimento pela mobilização e pelo vosso compromisso no reforço do papel da Educação Ambiental nas políticas locais, regionais e nacionais no âmbito da CPLP.

Após 15 anos da constituição da Rede Lusófona e 25 anos da Associação Portuguesa de Educação Ambiental este espaço foi um momento especial que, certamente, ajudará ao fortalecimento da Educação Ambiental, à aproximação das comunidades lusófonas e à partilha de experiências e conhecimentos sobre temas da atualidade que permitem traçar novos caminhos e encontrar novas direções com vista à construção de sociedades ambientalmente responsáveis e socialmente mais justas.

A diversidade de temas, técnicas, metodologias presentes nas atividades desenvolvidas no congresso contou com a multiplicidade de olhares de diferentes campos dos países, regiões e comunidades falantes da língua

portuguesa, além de fomentar o amplo debate no fórum promovido pela Rede Lusófona sobre o tema “Educação Ambiental e Participação Social: travessias e encontros para os bens comuns”. Desta forma, e após um processo participativo, estivemos pereante temáticas e pessoas que puderam partilhar experiências de vida (pedagógicas, académicas, sociais e políticas) de forma a contribuírem neste espaço de discussão para o enfrentamento das problemáticas ambientais e no reforço do papel político da Educação Ambiental em particular.

Com um orçamento bastante reduzido, trabalho extra da equipa que secretariou o congresso, muitos voluntários e alguns apoios, conseguimos concretizar um sonho e uma ilusão lançadas há dois anos em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Organizar este congresso em pleno ambiente de crises foi um grande reto; por isso um especial agradecimento a todas as instituições e pessoas que apoiaram e viabilizaram a realização deste encontro, esperando o reconhecimento de que valeu a pena e que possa ser um marco para mais uma década da Educação Ambiental na CPLP.

Esperando que possam contribuir para o debate e construção do IV Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa, a decorrer em julho de 2017 no Príncipe.

Até sempre!

Minicursos

TRILHAS DE PERCEÇÃO AMBIENTAL EM DIFERENTES CENÁRIOS: DAS PAISAGENS NATURAIS ÀS PROBLEMÁTICAS AMBIENTAIS

Chalissa Beatriz Wachholz

chalibw@msn.com

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Rita Paradedda Muhle

rpmbio@hotmail.com

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Palavras-chave: educação ambiental; trilhas interpretativas; percepção ambiental.

A natureza vem sendo percebida pelo ser humano de diferentes formas ao longo dos tempos de civilização, indo desde um envolvimento de dominação e domesticação, passando pelo utilitarismo, até os dias atuais onde um sentimento de reaproximação parece estar vigorando. De certa forma, a procura por espaços naturais, mesmo dentro das grandes cidades, tem acontecido intensamente, em uma espécie de crítica ao mau estar civilizacional baseado no estilo de vida atual. As trilhas tem se apresentado como uma importante ferramenta para a construção de atividades de educação ambiental. Utilizadas de diferentes formas, em diferentes contextos, as trilhas contribuem para as diferentes percepções do ambiente. Uma trilha interpretativa pode contribuir para a

identificação das problemáticas ambientais que estão presentes no seu trajeto, auxiliando neste reconhecimento com um contato/vivência direto. Neste caso, as trilhas podem ocorrer em esferas urbanas, como grandes centros ou comunidades. As paisagens naturais também são convidativas para a práticas de trilhas, podendo estas serem de caráter explicativo, enfocando na fauna e flora locais, ou também de caráter contemplativo. Este mini curso tem o objetivo de apresentar aos participantes diferentes formas de trabalhar inclusão, percepção, pertencimento e educação ambiental através das trilhas interpretativas e sensoriais em espaços como praças e parques urbanos, escolas e universidades, buscando uma compreensão mais ampla acerca da concentração da atenção, da percepção da paisagem e da importância de um contato mais profundo com a natureza, já que a experiência é essencial para a mudança de comportamento em relação ao ambiente.

NOTAS CURRICULARES

Chalissa Beatriz Wachholz

Bióloga, educadora ambiental, mestre e doutoranda em Educação com ênfase em educação ambiental pela PUCRS - Brasil. Professora do curso de Gestão ambiental para jovens em vulnerabilidade social. Ministrou cursos e capacitações sobre Ecologia Profunda, Vivências na Natureza e Educação Ambiental para educadores em escolas, empresas e instituições.

Rita Paradedda Muhle

Bióloga, educadora ambiental, especialista em diversidade e conservação da fauna e doutoranda em Educação com ênfase em educação ambiental pela PUCRS - Brasil. Ministrou cursos sobre Ecologia Profunda, Vivências na Natureza e Educação Ambiental para educadores em escolas, empresas e instituições.

VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL ATRAVÉS DA ANIMAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Maria Inêz Oliveira Araújo
inezaraujo58@hotmail.com
Universidade Federal de Sergipe

Tatiana Ferreira dos Santos
tatianaferreira1@yahoo.com.br
Universidade Federal de Sergipe

Palavras-chave: educação ambiental; animação; cultura local.

Dentre os desafios da Educação Ambiental – EA, seja ela formal ou informal, encontram-se a deficiência no entendimento de sua essência e as possibilidades existentes para o seu desenvolvimento. Neste sentido, são investidos esforços para qualificar professores e educadores ambientais mediante cursos de formação e aperfeiçoamento sob o escopo de viabilizar efetivamente ações que promovam educação ambiental. Para tanto, existem diversos meios metodológicos que potencializam a realização do processo, a animação é uma delas. As construções de animações por meio de recursos audiovisuais promovem reflexão, diálogo e possivelmente a sensibilização para determinado tema. O objetivo desta oficina consiste em estimular a sensibilidade dos sujeitos, proporcionando

um espaço de construção colaborativa de ideias que perpassam pela valorização da cultura como um dos vieses para se trabalhar a EA, partindo do pressuposto de trabalhar o pertencimento, coletividade, respeito, colaboração, dentre outros valores essenciais para a EA. O método utilizado para a construção das animações será o Stop Motion. O Stop Motion consiste na junção de sequências fotográficas que dão movimentação a um objeto ou cenário. As fases de construção da animação transcorrem pela formulação de um enredo, com enfoque para a cultura local no viés da educação ambiental, montagem e construção do cenário onde acontecerá a história, tiragem das sequências fotográficas e a finalização da animação com a utilização de um programa de editor de vídeo. No tocante à finalização dos vídeos, será utilizado o moveimaker, uma ferramenta que permite a edição de vídeos curtos disponível no sistema operacional do Windows. Os materiais utilizados serão: câmera fotográfica, notebook /computadores com internet, massa de modelar, giz de cera, cola, papel, folhagens, galhos, ou qualquer outro material natural existente. O tempo de duração estimado para a realização da oficina será de 120 minutos e o público estimado é de 25 participantes. A oficina será dividida em duas partes, a primeira consiste na apresentação inicial com acolhimento, abordagens conceituais e tiragem das fotografias, a segunda parte os participantes se concentrarão na edição, finalização dos vídeos, exibição e apresentação dos curtas-metragens.

NOTAS CURRICULARES

Maria Inêz Oliveira Araújo

Professora no Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, professora e coordenadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Educação USP e Pós-doutora em Educação pela Universidade do Porto. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental de Sergipe GEPEASE/CNPq/UFS.

Tatiana Ferreira dos Santos

Mestranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Especialização em Educação Ambiental. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental -GEPEASE/CNPq/UFS.

PROCESSOS DIALÓGICOS PARA A ARTICULAÇÃO DE CAMINHOS PARA QUE AS ESCOLAS SE TORNEM ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

Angela Zanon

zanon.ufms@gmail.com

UFMS

Jacqueline Guerreiro

tutorajacguerreiro@gmail.com

UFOP

Palavras-chave: escolas sustentáveis; sustentabilidade; gestão; currículo.

O referido minicurso propõe a articulação das premissas da sustentabilidade nos territórios para a articulação de escolas sustentáveis. Propõe-se a realização do mesmo na apresentação do Processo Formativo que se ofereceu em três módulos articulados entre si que trataram do currículo, da gestão e do espaço construído. Construído em forma de debates teóricos e organização de propostas dos participantes, tem por objetivo produzir coletivamente uma organização, no âmbito dos povos e países lusófonos que permita a todos se reconhecerem e também agregar reflexões e práticas em seus possíveis processos nacionais e locais. A participação em formato de roda de conversa pode permitir maior dialogicidade e a discussão mais fluida das ofertas, seus significados,

dificuldades e as sensíveis diferenças entre esta e outras ofertas homônimas.

NOTAS CURRICULARES

Angela Zanon

Licenciatura Plena Em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1977), mestrado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1982) e doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1990). Atualmente é professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Jacqueline Guerreiro

Elaboração de Curso a Distância - Meio Ambiente (Canal Futura).Conselheira CPDS-Agenda 21 Brasileira. Conselheira do CONEMA-RJ.Consultora, Projeto “Desenvolvimento de Metodologia de Educação Ambiental”. SEMARH-DF/BID.Coordenação Executiva. Construção do Programa Estadual de Educação Ambiental do Estado do Rio de Janeiro.

POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES RUMO À SUSTENTABILIDADE

Naziel de Oliveira

naziel@seed.pr.gov.br

Secretaria de Estado da Educação do Paraná-SEEDPR - Brasil

Palavras-chave: políticas públicas; educação ambiental; identidade; sustentabilidade.

Em pleno século XXI, em meio a uma sociedade em constante transformação a Educação Ambiental se coloca como interlocutora entre o desenvolvimento e a relação responsável do Homem frente às questões sociais e ambientais. As políticas públicas em Educação Ambiental vêm corroborar tal Interlocução propiciando o respaldo legal e permitindo a necessária transposição da política de Governo para uma política de Estado criando e fortalecendo laços entre os diversos setores da Sociedade, evitando com isso, a descontinuidade de ações desenvolvidas pelos atores ambientais, além de gerar direitos e deveres que direta e indiretamente contribuem para consolidação do equilíbrio ambiental para às presentes e futuras gerações. O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, no quarto princípio diz: “A Educação Ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato

político, baseado em valores para a transformação social”. O fato da Educação Ambiental não ser neutra e ser um ato político nos permite inferir que as Políticas Públicas são indispensáveis para legitimar todo o trabalho de interlocução nas questões locais globais, bem como, naqueles assuntos primordiais relacionados à saúde, democracia, fome, degradação da flora e fauna e tantos outros viéses que contribuem para uma sociedade sustentável. A expressão “No in my backyard” que em tradução livre significa “não no meu quintal” foi cunhada por determinados segmentos da sociedade norte americana que sentia-se refém, em seu entorno, da instalação de empresas poluidoras, aterros sanitários e ausência de saneamento básico. Deste quadro de iniquidade social, em 17 de outubro de 1991, em Washington, EUA, lideranças reunidas criaram o documento de referência para questões relacionadas ao movimento justiça ambiental. Dos 17 princípios do referido documento, o de número 12, recorre explicitamente à importância da Política, enquanto orientadora e asseguradora de direitos e acessos igualitários a escala de recursos naturais. Diante destes e de muitos outros fatos que norteiam a questão ambiental local e global visualizamos nas Políticas Públicas um instrumento indispensável para construção de um ordenamento jurídico que possibilite comunidades locais, Estados/Províncias construírem a partir de suas identidades ambientais, propostas que sejam fruto de diversos setores da sociedade para que possibilite alcançar o maior número de pessoas amparadas pela política ambiental. Trata-se também de um exercício de Cidadania e de uma Democracia participativa onde a

lei não seja uma construção singular, verticalizada e descendente, mas, que possa ser forjada no seio das comunidades para efetivamente representar o povo e seus interesses econômicos, sociais, ambientais rumo à sustentabilidade.

NOTAS CURRICULARES

Naziel de Oliveira

Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas, Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Especialista em Educação Ambiental e Prática Escolar, Mestrando no Ensino de Ciências e Matemática, Professor de Ensino Superior e Coordenador do Curso de Técnico em Meio Ambiente na Rede Pública de Educação do Paraná.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA - METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS

Lia Vasconcelos

ltv@fct.unl.pt

Universidade Nova de Lisboa

Vanice Santiago Fragoso Selva

vanice.selva@ufpe.br

Universidade Federal de Pernambuco

Palavras-chave: educação ambiental; participação; emancipação; metodologia dialógica.

O curso leva os participantes à discussão sobre a necessidade de criar uma consciência ambiental ecológica e crítica direcionada para a compreensão e busca de superação das causas estruturais dos problemas ambientais, pautada na educação como um caminho para a mudança da realidade, numa postura dialógica, problematizadora, de cunho emancipatório e comprometida com transformações estruturais da sociedade. A concepção metodológica adotada tem como ponto partida a aprendizagem participativa em consonância teórica com o método de aprendizagem da participação social que trata do envolvimento de comunidades, da ação mútua entre sujeitos engajados com informações e capazes de realizar ações. O curso tem como objetivos refletir sobre a educação ambiental como um caminho para a mudança da realidade e

discutir a educação ambiental como processo e prática pautada numa postura dialógica, problematizadora e comprometida com transformações estruturais da sociedade. Se desenvolverá através simulações didáticas e dinâmicas de grupo considerando experiências dos participantes e experiências conhecidas de modo a aproximar o conteúdo teórico à realidade do ensino, aos saberes e ao conhecimento técnico.

NOTAS CURRICULARES

Lia Vasconcelos

Doutorada Engenharia do Ambiente/Sistemas Sociais. Arquiteta, professora da Universidade Nova de Lisboa, investigadora do IMAR. Investiga novas formas de decisão e governância em planeamento e ambiente. Atua através de mediação aplicando Métodos Interactivos de Participação e Decisão.

Vanice Santiago Fragozo Selva

Doutorada Geografia/Gestão do Território, Geografa, professora da Universidade Federal de Pernambuco. Investiga o turismo em ambientes costeiros e insulares. Atua na área de gestão ambiental, turismo em áreas litorâneas, participação e educação para a cidadania ambiental. Bolsista da CAPES Proc. n.º 3425-13-4.

MÉDIA E AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS: ESTRATÉGIAS PARA A SALA DE AULA

Margarida Marques

margmmarq@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ana Rita Santos

rita.santos@ua.pt

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda

Palavras-chave: alterações climáticas; educação; média; literacia mediática; literacia científica.

Hoje em dia, os média constituem a principal fonte de informação para o público em geral sobre questões associadas às alterações climáticas, pelo que se lhes reconhece a capacidade de influenciar a compreensão dos cidadãos sobre o tema. Contudo, a informação veiculada pelos média sobre estas questões é difusa, parcial e, frequentemente, focada nas políticas discutidas em encontros internacionais. Deste modo, são necessárias competências de literacia mediática e científica para interpretar e analisar criticamente essa informação. Adicionalmente, a interpretação que cada cidadão faz da informação veiculada pelos média influencia o seu nível de preocupação com a problemática e tem o potencial para modificar a sua participação na sociedade. Esta participação pode ocorrer através do debate de questões associadas às

alterações climáticas, assim como da adoção de comportamentos visando a mitigação e adaptação. O projeto Clima@EduMedia visa contribuir para o desenvolvimento das literacias mediática e científica em alunos do ensino básico e secundário através da promoção do uso dos média no ensino e aprendizagem das alterações climáticas em contexto de sala de aula. Nesse sentido, a equipa do projeto propõe a professores e educadores uma reflexão em torno da relevância das literacias mediática e científica na educação de cidadãos participativos na sociedade. Pretende-se ainda realizar uma análise de propostas concretas ao nível do apoio ao desenvolvimento das referidas literacias em crianças e jovens, com recurso aos média, quer na ótica de consumo crítico, quer na ótica de produção dos seus próprios produtos mediáticos com qualidade. Por fim, visa-se ainda a partilha de experiências e ideias entre os próprios professores e educadores, valorizando o seu contributo para esta área do conhecimento. As formadoras irão ainda convidar os professores e educadores a participar numa rede de apoio já existente, que visa a partilha de estratégias de ensino e aprendizagem, e respetivos recursos educativos, que rentabilizem o consumo crítico dos média e a criação de produtos mediáticos em contexto de sala de aula.

SEGURANÇA HIGIENE E MEDICINA DO TRABALHO NAS AÇÕES DE VOLUNTARIADO DE LIMPEZA DE PRAIAS MARÍTIMAS E MARGENS DE RIOS

Sueli Ventura

sueliventuri@hotmail.com

MARE Departamento de Ciências do Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da
UNL

Albertina Raposo

albertina@ipbeja.pt

Instituto Politécnico de Beja

Palavras-chave: voluntário; EPI; ONGs; saúde, higiene e medicina do trabalho.

A execução de trabalhos de voluntariado na limpeza de praias marítimas e fluviais é prática recorrente entre as ONGAs (Organizações Não Governamentais do Ambiente). Este é um trabalho que tendo um forte caráter de Educação Ambiental nem sempre tem o caráter de educação do cidadão na parte que se refere a sua saúde. Trata-se da saúde ambiental mas o cidadão não é alertado e protegido quanto aos danos que tal trabalho embora voluntário lhe possa causar. Mesmo sendo um trabalho voluntário deve ser acautelado pelas Normas que envolvem o trabalhador convencional quanto a Saúde, Higiene e Medicina do Trabalho. A parte ergonómica, a proteção dos riscos de queda, ferimentos, alergias e outros devem ser colocados claramente ao voluntário antes do início dos

trabalhos assim como a verificação da proteção base de vacinas e fornecimento de EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) ou ainda uma literatura preliminar deve ser encaminhada para que alguns desses cuidados e vestuário adequado sejam providenciados pelo voluntário. Este curso tem como objetivo um esclarecimento básico das possíveis perturbações que podem ocorrer no decorrer dos trabalhos e fazer uma abordagem de como as Organizações devem preparar os seus trabalhos de campo nesta vertente visando a Saúde, Higiene e Medicina do Trabalhador Voluntário. O público-alvo são os educadores de modo geral, os estudantes da área do Ambiente e os decisores na área de intervenção e proposição de trabalhos cuja mão-de-obra seja voluntária em ONGs, Escolas, Comunidades Associativas, Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais, etc.

NOTAS CURRICULARES

Sueli Ventura

Engenheira Agrimensora. Doutoranda em Ambiente e Sustentabilidade. Voluntária da LPN. Pesquisadora: MARE UNL. Pesquisa e atuação: consultoria e auditoria urbana, Democracia e participação, Conservação e ética ambiental, observadora e relatora: Governância e Participação Pública atua em vários processos na área do mar. Técnica em Higiene Segurança e Medicina do Trabalho

Albertina Raposo

Professora Adjunta no Instituto Politécnico de Beja. Doutora em Ciências do Ambiente. Área de investigação: Educação Ambiental, Conservação dos Recursos Naturais, Ecossistemas, Ciclos Biogeoquímicos, Governância e Participação Pública. Membro representante da ESAB, do Conselho de Certificação para a Agricultura Biológica da empresa Sativa. Procura integrar a Comunidade e a Academia.

PROCESSOS FORMADORES DE VALORES PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EDUCADOR AMBIENTAL

Luciana Mello Ribeiro

luciana.ribeiro@unila.edu.br

UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-americana

Palavras-chave: valores; laboratório; formação de educadores ambientais; autopercepção; consciência moral.

OBJETIVO: para alcançar seus propósitos, a EA precisa desenvolver metodologias que partam da compreensão de como se desenvolvem e se renovam os valores. A proposta é, a partir de experimentação prática, oferecer oportunidade de refletir sobre didática adequada ao desafio da EA quanto à renovação de valores para sociedades sustentáveis.

PÚBLICO: o minicurso se destina a pessoas interessadas em aplicar exercícios práticos de auto-reconhecimento dos próprios valores, bem como em identificar a influência destes em seu cotidiano. As atividades favorecem a percepção do nível de coerência entre os valores pessoais e a prática da Educação Ambiental, tal como proposta internacionalmente em Tblisi e no Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global: transformadora, interdisciplinar, participativa, a cultivar o pensamento complexo e a ética da sustentabilidade.

JUSTIFICATIVA: a proposta deve-se à identificação de uma dificuldade recorrente e pouco percebida nas práticas de educadores ambientais no referente à formação e renovação de valores que subsidiem a construção de sociedades sustentáveis. Parece não estar claro para muitos educadores ambientais como tornar sua prática educativa a) interdisciplinar, b) participativa e c) formadora de valores. Esta tarefa requer pré-requisitos que ultrapassam a compreensão do discurso ou a afinidade ideológica. Em termos pedagógicos, já se consolidou o debate sobre práticas críticas, reflexivas e participativas. No entanto, para entender quais valores são determinantes na construção de sociedades sustentáveis e compreender o processo da formação e renovação de valores há pouco diálogo ainda.

FORMATO: no primeiro momento será tratado o processo de formação e renovação de valores, oferecendo-se aos participantes oportunidade para identificar os próprios valores tecnicamente e verificar como atuam em seu cotidiano. No segundo momento, centraremos atenção na questão didática sobre o trabalho do(a) educador(a) ambiental. Após levantar os valores necessários para vivenciar uma EA Transformadora, e considerando os valores que cada qual necessita desenvolver para convergir com esta educação, serão avaliados campos de problematização moral mais significativos para este fim e criadas, coletivamente, estratégias destinadas ao público habitual de cada participante.

RESULTADOS ESPERADOS: mini-inventário pessoal de valores preenchido; check-list de desenvolvimento de valores pessoais elaborado; estratégia

pedagógica para formação/renovação/fortalecimento de valores em EA esboçada.

NOTAS CURRICULARES

Luciana Mello Ribeiro

Dra. em Educação, Bióloga. Juntamente com a Educação Ambiental atua nas áreas de Ensino de Ciências, Filosofia/História da Biologia. Tem trabalhado com o tema da aprendizagem e valores. É docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu/PR.

Oficinas

A ARTE DE TECER SONHOS

Ivana Campos Ribeiro

ivana.ibeve@gmail.com

LEL - Laboratório de Estudos do Lazer - Depto de Educação Física IB - Instituto de
Biociências UNESP/RC

Patrícia Calixto

patricia.tutoria@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

Palavras-chave: atividades anímicas; teoria de sistemas; paz; felicidade; sustentabilidade.

A oficina é baseada em um conjunto de atividades arte-educativas e arte-expressivas, entre outras, as quais chamamos "atividades anímicas", que tocam a alma (técnicas de arte-expressão e arte-educação, danças, dinâmicas de grupo, dramatizações entre outras). Tais atividades buscam promover, através destas práticas, reflexões acerca diferentes dimensões que envolvem o viver humano, as relações consigo próprio, com os demais e com os ambientes naturais e construídos, afinal, você já imaginou que as nossas realizações ou algo que desejamos ganhar ou conquistar têm início nos nossos sonhos? Apoiando-nos na imagem da serpente que morde a cauda (Oroboros), a qual representa o fechamento de um ciclo ou o eterno retorno, partimos para etapas de reflexão sobre o estado atual em

que ser humano e sociedade se encontram. Assim, entre reflexões e aplicação de diferentes técnicas de arte-expressão, pretende-se refletir e vivenciar sensações voltadas a “des-conexão” entre ser humano e natureza, tendo em vista que a arte é também a expressão de tudo que se sente. Ao longo da formação, os participantes desenvolverão diferentes produtos os quais representarão três diferentes momentos destas conexões perdidas, cada uma deles com uma técnica de arte-expressão. A primeira, “O Ser Humano” (abordando a relação dele com ele mesmo, seus valores, hábitos e consequências; a segunda, as “Coisas do Mundo” (a sociedade e a cidade, onde a própria arte representada nas manifestações culturais humanas e a natureza...) e a terceira, o “Mundo dos Sonhos”, como aquilo que o grupo almeja conquistar. Prevemos uma abertura ou “aquecimento” e uma finalização com a atividade “Caixa de Pandora”, que dá sustentação a conclusão sobre o processo de entrelaçamento entre reflexões, elos e conexões perdidas, e os ideais de um novo ser e sociedade, re-unidos em torno de sonho(s) comuns e o desafio de transformá-los em realidade. Assim, podemos sonhar sozinhos sonhos particulares (desde que sejam sustentáveis, não custem a infelicidade de ninguém), ou juntos, na esperança de um mundo melhor, unindo nossos sonhos ao daqueles que sonham o mesmo, **TECENDO UM GRANDE SONHO COLETIVO!** E que, depois de aberta a Caixa de Pandora, possamos retirar do seu fundo as esperanças de uma nova vida sobre este planeta. Pense nisso e, até o nosso encontro!

*Os participantes poderão reaplicar as atividades com seus grupos e alunos.

NOTAS CURRICULARES

Ivana Campos Ribeiro

Possui graduação em Jornalismo, mestre em Motricidade Humana (área de concentração: Filosofia e Sociologia da Motricidade Humana), doutorado em Ciências (área de Ecologia e Recursos Hídricos), pós-doutoranda em Motricidade Humana (área de Estados Emocionais e Movimento) e formação complementar em Abordagem de Arte Expressão para Intervenção Psicossocial e pós-doutorado em Estados Emocionais e Movimento.

Patrícia Calixto

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande, graduação em Programa Especial de Formação Pedagógica pela Universidade de Caxias do Sul, mestrado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande e doutorado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense.

LANDART? ECO-ARTE? ARTE E NATUREZA?

Fátima Matos Almeida

fma.aspea@netcabo.pt

ASPEA

Maria João Correia

maria.joao.correia@aspea.org

ASPEA

Palavras-chave: arte pública; escultura; paisagem; natureza.

A Educação Ambiental (EA) é um processo essencial para o desenvolvimento da eco-cidadania e de um estilo de vida sustentável. A EA necessita de abordagens inovadoras e criativas que incidem tanto sobre o domínio cognitivo, quanto na área sensorial, estética e afetiva. Nesta oficina pretende-se trabalhar informalmente no âmbito das artes e da natureza, interligando a paisagem e a obra de arte. Vai-se criar arte na natureza, usando materiais naturais, como solo, pedras, galhos, folhas e outros resíduos orgânicos encontrados no meio envolvente. A natureza será a nossa galeria e a nossa inspiração. Este tipo de abordagem a que se chama Landart é uma forma de arte que envolve o uso de paisagens físicas para criar arte, levando-nos a ver a arte em contexto e trazendo a arte para fora do Museu, para o mundo exterior. Desde há séculos que o Homem tem vindo a criar obras de arte na paisagem, mas o movimento da

Landart surgiu década de 1960, quando alguns artistas americanos pensaram em abrir o acesso à obra de arte fora dos espaços fechados e “elitistas” dos museus e galerias e começaram a criar Landart em grande escala. Hoje, as obras de Landart podem ser vistas em todo o mundo, às vezes bem ao lado de peças muito mais antigas, criadas por pessoas que viveram há milhares de anos. Uma característica comum da Landart é a intervenção na paisagem, remodelando-a, tal como no caso de obras de arte que são esculpidas na paisagem. Também se podem adicionar objetos, componentes, no ambiente para criar Landart, desde pedras importadas a estruturas feitas com materiais disponíveis na região. Também é possível fazerem-se instalações na paisagem com o uso de plantas. Na Landart, em todo o caso, a arte-final é imóvel, mas não necessariamente imutável. Na verdade, uma das principais distinções entre este tipo de arte e a maior parte da arte que se vê nos Museus é que a Landart se destina a evoluir, a mudar e eventualmente a decair e a desaparecer. Algumas obras de arte são bastante efêmeras, persistindo apenas por algumas horas ou dias, enquanto outras são deliberadamente expostas à erosão e ao vento para que vão desaparecendo com o tempo. Aos olhos do artista, a evolução da Landart é parte do seu interesse. Uma atividade de Landart constitui-se como uma forma acessível e inspiradora de se fazer Educação Ambiental fora de portas, complementando uma explicação ou abordagem mais cognitiva da realidade, uma pausa criativa numa visita de estudo. É uma atividade, no âmbito das expressões, em

que o produto final é um objeto estético gratificante que ajuda na criação de laços duradouros com a natureza e no ensejo da sua proteção.

NOTAS CURRICULARES

Fátima Matos Almeida

Cofundadora e Presidente da ASPEA – Associação Portuguesa de Educação Ambiental de 1992 a 2013. Atualmente Secretária-Geral. Vice-presidente da Fundação CEI - Caretakers of the Environment International, co-organizadora da Conferência Internacional CEI - Connecting Mings, Creating the Future for the Oceans, 28 junho a 4 julho 2015, Oeiras, Portugal.

Maria João Correia

Licenciada em Biologia e mestre em Ecologia Humana. Gestora de projectos educativos. Colabora com ONG's, empresas, centros de investigação e municípios na implementação de projectos de educação e sensibilização ambiental, projectos de educação científica e projectos de formação de professores e monitores.

DA BALEAÇÃO À CIÊNCIA - A ARTE DO SCRIMSHAW

Carla Dâmaso

carladamaso@oma.pt

OMA - Observatório do Mar dos Açores

Maria Joana Cruz

mariajoana@oma.pt

OMA - Observatório do Mar dos Açores

Palavras-chave: atividades tradicionais; artesanato; cetáceos.

A baleação nos Açores iniciou-se no século XVIII, praticada por navios americanos com base em Nova Inglaterra. A atividade baleeira necessitava de mão-de-obra intensiva, constituindo uma atração para a população masculina açoriana. O conhecimento que a população açoriana foi adquirindo a bordo dos navios americanos permitiu que, em meados do século XIX, a indústria baleeira nos Açores se desenvolvesse, persistindo até à década de 1980. O cachalote, dadas as suas características para a produção de óleo para iluminação, tornou-se a espécie alvo da baleação açoriana. “Scrimshaw” é uma palavra da língua inglesa, que designa a arte de entalhe e gravação ou pintura em marfim, ou seja, dentes e ossos da mandíbula - de cachalotes. As peças são muito variadas, utilitárias e decorativas, como por exemplo caixas, talas para corpetes de vestidos de senhora, dedais, cabos de sinete, punhos de bengala, dados e até

carretilhas para recorte da massa tenra. Essa manifestação artística está ligada à atividade da baleação e constitui a mais autêntica e conhecida manifestação da chamada arte baleeira tendo tido origem no século XIX, nas frotas de baleação, inicialmente formadas por marinheiros norte-americanos. A arte de Scrimshaw correspondia à ocupação nas horas de ócio a bordo e a uma expressão de saudade da família e da terra do artista. As técnicas mais utilizadas são a incisão ou a gravação, sendo os entalhes pigmentados. Outro dos produtos da baleação era o sabão, produzido a partir do óleo da baleia. Esta oficina pretende aliar a história, a arte, a reutilização de materiais e a Educação para a Preservação dos Cetáceos como espécies protegidas a nível mundial, tendo como ponto de partida exatamente estes dois produtos. Assim, em duas fases, e introduzindo conceitos da Anatomia e Conservação das Espécies, propomo-nos a desenvolver duas actividades complementares: 1 – Produção de sabão, a partir de óleo de cozinha usado. 2 – Fazer uma abordagem simples à arte do scrimshaw, apenas a gravação e entalhe, usando o sabão como matéria-prima, substituto do dente ou osso de baleia. Esta é uma actividade que pode ser desdobrada e adaptada às diferentes faixas etárias, aplicando diferentes níveis de complexidade. As duas fases podem funcionar de forma independente.

NOTAS CURRICULARES

Carla Dâmaso

Licenciada em Biologia Marinha e Pescas, pela Universidade do Algarve e Mestre em Estudos Integrados dos Oceanos, pela Universidade dos Açores. A sua carreira académica e profissional tem-se

desenvolvido na área das Pescas nos Açores, tendo sido responsável nos últimos anos por uma série de acções e publicações de divulgação científica, nomeadamente na área das pescas e promoção e valorização do pescado dos Açores. Membro da Direcção do OMA desde 2010, onde desempenha actualmente funções de Técnica Superior na área da Educação Ambiental e Divulgação Científica e Tecnológica.

Maria Joana Cruz

Licenciada em Biologia Marinha e Biotecnologia, pela Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar do Instituto Politécnico de Leiria. Desenvolveu trabalho como guia da natureza e vida marinha a bordo de embarcações de turismo de observação de Cetáceos durante 5 anos, na ilha do Pico, e durante 3 anos a bordo de um barco de fundo de vidro que realiza passeios de observação da zona costeira e vida marinha na ilha do Faial. Encontra-se desde o início de 2014 no OMA, onde desempenha funções de Técnica Superior na área de Educação Ambiental e Divulgação Científica e Tecnológica.

OFICINA DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS A PARTIR DE RESÍDUOS SÓLIDOS REUTILIZÁVEIS: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Silmara Martel

silmaramartel@gmail.com

Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Yuri do Nascimento

nascimento.yuri845@gmail.com

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Dayse Maria da Cunha Sá

daysemariacunha@hotmail.com

Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Palavras-chave: reciclagem; lixo; confecção; jogos didáticos.

Atualmente tornou-se necessário que atitudes voltadas para a conscientização ambiental sejam empregadas no convívio social, por inúmeros motivos que vão desde descarte apropriado de detritos e a reciclagem dos que podem ser reutilizados. Tornando-se apropriada a abordagem de tais aspectos em sala de aula, por ser um local propício para a realização de atividades que coloquem em prática as política de reduzir, reutilizar e reciclar, cabendo ao professor oferecer aos alunos atividades que correlacionem reciclagem com o ensino de sua disciplina.

Portanto, o educador deve utilizar esse momento para elaborar metodologias que promovam a Educação Ambiental de forma criativa e eficaz, sendo o lúdico, uma ferramenta relevante no processo de ensino-aprendizagem. A atividade de confeccionar jogos através da reutilização de materiais, proporciona o despertar da imaginação e criatividade dos alunos, além de instruí-los na preservação de recursos naturais, também atuando na diminuição da poluição gerada por plásticos, vidros, papéis e outros materiais que podem ser reaproveitados ao invés de irem para o lixo. Compreendendo a possibilidade de reutilização de determinados materiais, e a possibilidade de usá-los em sala de aula, objetiva-se educar alunos do ensino fundamental do 6º ao 9º anos, quanto a importância da reciclagem de determinados resíduos sólidos e reutilização dos mesmos para confecção de materiais didáticos. A oficina contará com suas atividades divididas em etapas para que os alunos possam ser acompanhados com maior atenção na compreensão de cada competência requerida. Na primeira fase do trabalho, será ministrada uma palestra abordando conceitos de reciclagem, reutilização, recursos renováveis e os não renováveis e os impactos ambientais causados pela poluição que resíduos sólidos ocasionam. A palestra contará com auxílio de data show para a exposição dos conteúdos, para proporcionar recurso visual e tecnológico, facilitando a compreensão dos alunos sobre a temática escolhida. No segundo momento da oficina, os alunos confeccionarão materiais didáticos lúdicos para serem utilizados em sala de aula. Para tal, os alunos necessitarão trazer de suas casas materiais descartados e que

possam ser reutilizáveis. Pretendendo-se que os estudantes associem o uso de materiais reaproveitáveis com algumas modalidades de ensino utilizáveis em sala de aula, como os jogos didáticos. Ensinando para os alunos que a partir de materiais simples, podem ser desenvolvidas diversas atividades em sala de aula.e que com criatividade a aprendizagem de determinado conteúdo é facilitada. No terceiro momento acontecerá a avaliação dos alunos, feita através da apresentação dos jogos didáticos criados em cada grupo, descrevendo quais materiais reutilizáveis foram escolhidos para a elaboração, e todo o processo de construção do material didático, destacando-se a finalidade do jogo e quais as suas possíveis implicações dentro da sala de aula.

NOTAS CURRICULARES

Silmara Martel

Graduanda do Curso de Ciências Boilógicas Licenciatura da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Yuri do Nascimento

Graduando do Curso de Ciências Boilógicas Licenciatura da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Dayse Maria da Cunha Sá

Bióloga, Mestre em Ciências da Saúde. Docente do Colegiado de Ciências Biológicas. Laboratório de Prática de Ensino - UNIFAP.

O PROJETO RIOS

Nuno Charneca

projetorios@aspea.org
Projeto Rios

Maria Manuela Serra Oliveira

mariamso@gmail.com
Projeto Rios

Palavras-chave: rios; projeto; conservação; biodiversidade; água.

O Projeto Rios é um Projeto que visa a participação social na conservação dos espaços fluviais, procurando acompanhar os objetivos apresentados na Década da Educação das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável e contribui para a implementação da Carta da Terra e da Diretiva Quadro da Água. A implementação deste projeto pretende dar resposta à visível problemática, de âmbito nacional e global, referente à alteração e deterioração da qualidade dos rios e à falta de um envolvimento efetivo dos utilizadores e da população em geral. O Projeto Rios, pela metodologia que utiliza, pretende promover a curiosidade científica e implementar o método científico experimental, através da recolha e registo de informações e dados geográficos, físico-químicos, biológicos, eventos históricos, sociais e etnográficos, contribuindo assim para a melhoria do espaço estudado, da qualidade fluvial global e da

qualidade das populações, com vista à aplicação das exigências da Diretiva Quadro da Água e da Lei da Água. O Projeto Rios visa a adoção e monitorização de um troço de rio, de modo a promover a sensibilização da sociedade civil para os problemas e a necessidade de proteção e valorização dos sistemas ribeirinhos. O Projeto Rios tem como principal objetivo implementar um plano de adoção de 500 metros de um troço de um rio ou ribeira. Para auxiliar nesta tarefa é fornecido um kit didático. Com a aplicação prática deste projeto é possível aprender a valorizar a importância das linhas de água, implementar uma rede nacional através da observação, monitorização ou vigilância, visando a conservação e adoção de diferentes troços de rios. Pretende-se ainda desencadear um conjunto de atividades experimentais de educação ambiental e participação pública, no sentido da implementação da Diretiva Quadro da Água. É de salientar que este projeto surgiu com o objectivo de contribuir para a implementação de planos de reabilitação dos rios e ribeiras, com o envolvimento e responsabilização de toda a comunidade civil, com vista ao desenvolvimento sustentado, à educação para a cidadania e ao crescimento local e regional.

RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS EM JOGOS E DINÂMICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Maria Teresa Gouveia

teresa.gouveia@coralvivo.org.br

Instituto Coral Vivo

Palavras-chave: jogos e dinâmicas de educação ambiental; relações socioambientais; participação cidadã.

Dinâmicas e jogos no campo da Educação Ambiental têm-se constituído em importante recurso pedagógico no desenvolvimento de projetos de Educação Ambiental. Os objetivos a serem alcançados por grupos participantes podem ser de nivelamento de conhecimentos e saberes, de percepção de relações socioambientais, de reconhecimento da diversidade sociocultural, ou ainda para evidenciar conflitos socioambientais dada a diversidade de questões ambientais presentes entre os participantes. A utilização desses recursos por parte dos educadores considera questões relevantes como: a inexistência de espaços específicos para desenvolvimento dos jogos e das dinâmicas, a viabilidade do desenvolvimento com participantes de grupos sociais diversos, a possibilidade de propiciar a participação e o empoderamento sob o enfoque da cidadania, o uso de recursos materiais de baixo custo, a

possibilidade de trabalhar temas complexos, e de avaliação imediata da ação integrada a processos de educação ambiental. A oficina apresentará e experimentará junto aos participantes algumas dinâmicas e jogos como demonstrativo da versatilidade da dinâmica do barbante, e da inclusão de relações socioambientais no jogo das cadeias e teias alimentares.

NOTAS CURRICULARES

Maria Teresa Gouveia

Bióloga, Doutora em Meio Ambiente. Tecnologista do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Coordenadora de Educação Ambiental do Projeto Coral Vivo. Professora e pesquisadora em Educação Ambiental, Políticas Públicas para Sustentabilidade, relações socioambientais em Áreas Protegidas. Publicações em Educação Ambiental.

O USO DO JOGO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE ESPÉCIES DO PARQUE NACIONAL MONTANHAS DO TUMUCUMAQUE

Priscila Costa Dias

priscila-dias21@hotmail.com

Universidade Federal do Amapá- UNIFAP

Bianca Mamede Mendes

bi.mamede@gmail.com

Universidade Federal do Amapá- UNIFAP

Dayse Maria da Cunha Sá

daysemariacunha@hotmail.com

Universidade Federal do Amapá-UNIFAP

Palavras-chave: biodiversidade; aprendizagem; unidade de conservação; lúdico.

A Biodiversidade expressa a variedade de espécies de seres vivos que existem em nosso planeta, a variedade de aspectos que existem dentro de uma mesma espécie, bem como a complexidade das interações entre as diversas espécies de uma região. A experiência brasileira e internacional mostra que para a efetiva proteção à biodiversidade é necessário que sejam criadas e implantadas Unidades de Conservação. Essas áreas de preservação podem ser caracterizadas como bancos genéticos, constituídas não apenas por exemplares individuais da biota, mas também de ecossistemas protegidos em larga escala, em áreas representativas de

vários geobiomas climáticos. O Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque localizado ao Norte do Brasil, no estado do Amapá é o maior Parque Nacional em floresta tropical do mundo e se caracteriza por uma elevada riqueza florística e faunística e uma significativa diversidade de habitats. Os materiais didáticos são ferramentas essenciais para os processos de ensino e aprendizagem, e o lúdico caracteriza-se como uma importante e viável alternativa para auxiliar em tais processos por favorecer a construção do conhecimento ao aluno, atrair o interesse, e melhorar a fixação dos conteúdos em estudo. Por isso, o uso de jogos que envolvem o contexto social dos alunos favorece que os mesmos participem da ação sendo solucionadores dos desafios propostos pelos educadores. Ações como essas que colocam o aluno como protagonista principal são eficazes para que os alunos observem que os conhecimentos adquiridos na escola são aplicáveis no seu cotidiano. O presente trabalho traz uma proposta de oficina com o objetivo de ensinar sobre a biodiversidade existente no Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque através do jogo didático “Roleta”. A oficina será organizada em dois momentos. No primeiro momento realizaremos uma palestra, com auxílio de data show e uma vídeo aula onde será abordado sobre Parque e sua importância, tanto para a comunidade local quanto para o mundo e também a respeito da grande biodiversidade existente nesta unidade de conservação, onde será apresentado as espécies de fauna e flora local e principalmente as espécies endêmicas. No segundo momento será apresentado aos alunos o jogo e suas regras, posteriormente serão

separadas duas equipas em seguida ocorrerá a aplicabilidade do jogo didático, onde o ponto de partida se dará pelas seguintes questões: a cada rodada um integrante de cada equipe vem a frente roda a roleta e verifica em qual classe o ponteiro parou, será entregue uma carta para o integrante, onde contém características da determinada espécie e ele por seguinte lê as características ou pistas para a outra equipe assim que a equipe indagada acertar de qual espécie se trata, se apresenta um dos integrantes da equipe indagada e recomeça o jogo. A avaliação será processual de acordo com aplicação do jogo, e o acerto das espécies por cada equipe. Espera-se através desta oficina que os participantes aprendam sobre a biodiversidade do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque.

NOTAS CURRICULARES

Priscila Costa Dias

Graduanda do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP.

Bianca Mamede Mendes

Graduanda do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Dayse Maria da Cunha Sá

Bióloga, Mestre em Ciências da Saúde. Docente do colegiado de Ciências Biológicas. Laboratório de Prática de Ensino - UNIFAP.

A ARTE TERAPIA EM ESPAÇOS DE ENSINO FORMAL: SENTIDOS E SENSações NA BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO QUE SE MOVIMENTA

Márcia Pereira da Silva

marciacoracoralina@yahoo.com.br

UNIVALI

Raquel Fabiane Mafra Orsi

mafraorsi@yahoo.com.br

UNIVALI

Palavras-chave: arte; terapia; música; dança; educação.

Nossa caminhada até a proposta desta oficina passa pela reflexão do ideário pedagógico que sustenta um fazer educativo e a prática da democracia na escola, do sentimento de pertencimento, do compromisso político e com a avaliação do real, porém apontando direções diversificadas, por meio da arteterapia. Como experiência piloto, atividades de arteterapia foram aplicadas, desde de 2008, no cotidiano do Centro Educacional Maria Montessori localizada no município de São José-Santa Catarina- Brasil, e inseridas no currículo, possibilitando que a presença de diversas oficinas, todas no campo das artes, sinalizem resultados de aprendizagem e crescimento dos educandos e educadores, fortalecendo a constituição de um espaço de convivência coletiva, onde

todos e todas se sentem pertencentes. Este fazer pedagógico vem sendo realizado há oito anos na escola, cujo Projeto Político Pedagógico se sustenta nos princípios da Pedagogia Montessori. A proposta desta oficina se ancora na possibilidade de um fazer-educação diferenciado e, coloca-se na dinâmica do fazer coletivo, objetivando contribuir para educação formal por meio da inclusão de oficinas didáticas centradas na arte terapia, como caminho possível para um repensar a educação atual. Para alcançar seu objetivo a oficina propõe realizar momentos de: dinâmicas de dança expressiva, identificação e análise dos traços presentes no desenho livre e técnicas de relaxamento. Cada um de nós desenvolve características próprias de sua personalidade dependendo do contexto familiar, histórico e social ao qual pertencemos, desta forma, o movimento, a arte, o som, produzem diferentes sensações. Somos seres em movimento e, desde o útero materno, recebemos influências de pulsações sanguíneas, vibrações emocionais e sonoras, vivenciamos diversas sensações, constituindo o movimento em uma possível ferramenta de aprendizagem, pois na medida em que coloca o corpo em movimento, promove o relaxamento e, pela arte, abre possibilidades de perceber-se e perceber o outro. A música e a dança se constituem numa bela forma de poesia, já que estimulam os sentidos, alimentam a alma, possibilitam leveza aos movimentos, permitindo uma sensação de liberdade para agir e pensar com criatividade. Assim, a música, pauta natural sentida no íntimo, por todo o nosso corpo, fluindo pelos poros, é sentida e não ouvida somente, permitindo uma sensação de relaxamento,

de entrega de viver, potencializando um cuidado consigo mesmo, e, conseqüentemente com o outro. Os resultados esperados com estas práticas são de vivenciar momentos de entrega, de presença onde o grupo seja o fator essencial para troca de afetividade, de cuidado consigo e com o outro para restabelecer o vínculo, o sentimento de pertencimento ao ambiente natural.

NOTAS CURRICULARES

Márcia Pereira da Silva

Pedagoga, Parapsicóloga, Mestre e doutoranda em Educação na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGÉ. Participa do Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade- GEEAS. Bolsista - CAPES.

Raquel Fabiane Mafra Orsi

Pedagoga pela Universidade do Vale do Itajaí. Mestre em Educação, dissertação: Formação Continuada do Programa Vamos Cuidar do Brasil nas Escolas na região da AMFRI, em Santa Catarina (2008). Integra o grupo de Pesquisa Educação, Estudos, Ambientais e Sociedade (GEEAS). Doutoranda no Curso de Educação - UNIVALI, bolsista da CAPES.

ESCOLAS SUSTENTÁVEIS E ENSINO À DISTÂNCIA: TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO EM FOCO

Herman Oliveira

herman.escv.ufop@gmail.com
UFOP

Tania Garbin

trgarbin@cead.ufop.br
UFOP

Kenia Fernandes

kenia.escv.ufop@gmail.com
UFOP

Palavras-chave: escolas sustentáveis; oficina de futuro; Tratado EA; TICs.

A presente proposta foca trata da realização de uma oficina com metodologias utilizadas nos processos de Agenda 21, denominadas oficinas de futuro. O objetivo é refletir sobre a responsabilidade e as possibilidades de escolas do ensino fundamental interferirem em processos que conduzem à morte entrópica do planeta. As escolas objetos de nossa discussão são aquelas escolhidas por cursistas do Processo Formativo à distância oferecido pela Universidade Federal de Ouro Preto entre outras IESs. Portanto, tratamos de dois temas específicos e dialógicos: Educação Ambiental pós-crítica em diálogo com o Tratado de Educação Ambiental e as premissas da sustentabilidade e a utilização de

Tecnologias de Comunicação e Informação em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Serão trabalhadas referências para a articulação de processos comuns nos países lusófonos baseados nas premissas da sustentabilidade, ancorados no conceito da educação ambiental pós-crítica para a estruturação de espaços educadores sustentáveis. Incluirá o compartilhamento das diversas experiências das pessoas presentes. Serão produzidas respostas consensuadas sobre as seguintes perguntas: Como tornar a escola um espaço educador sustentável no território considerando-se a crise socioambiental, as diversidades, as iniquidades e o potencial de mudança individual e coletivo dos povos e países lusófonos? É possível articular diálogos e reflexões a partir das nossas práticas, experiências e desafios? Como utilizar as TICs para otimizar as redes de educação ambiental no contexto lusófono? Como trabalhar a nova cultura digital e a cultura analógica em convívio inter-modal, potencializando as multiplicidades convergentes para gerar ambientes comunicativos que potencializem a educação ambiental na comunidade escolar, a partir de suas histórias, culturas e iniquidades?

NOTAS CURRICULARES

Herman Oliveira

Pesquisador em EA com ênfase em comunidades, expressões artísticas na linha da Fenomenologia. Professor pesquisador, conteudista e formador no Processo Formativo EA Escolas Sustentáveis e Com-Vida pelo CEAD/UFOP. Atua em movimentos sociais, articulações em rede, conselhos e espaços políticos.

Tania Garbin

Psicóloga (UNIMEP), Especialista em Neuropsicologia (CRP/CFP), Mestre em Educação Especial (UFSCar) e Doutora em Educação (PUC/SP). Professora da Universidade Federal de Ouro Preto,

Departamento de Gestão Pública. Vice-Presidente do Fórum Estadual de Formação de Professores – FORPROF-MG. Líder do grupo de pesquisa Novas Tecnologias para Educação a Distância (NTEAD).

Kenia Fernandes

Engenheira Ambiental, Mestranda em Engenharia Ambiental com ênfase em tecnologias ambientais e química orgânica ambiental Dept. Engenharia Ambiental/UFOP.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AGENDA 21: REDES EM CONSTRUÇÃO

Jacqueline Guerreiro Aguiar

jacguerreiro@gmail.com

REBEA - Rede Brasileira de Educação Ambiental /REARJ - Rede de Educação Ambiental do
Rio de Janeiro

Carlos Frederico Castelo Branco

calico.raizes@gmail.com

REBAL - Rede Brasileira de Educação Ambiental

Palavras-chave: rede, educação ambiental, Agenda 21.

A Oficina pretende apresentar os percursos de construção de redes de educação ambiental no âmbito da REBEA - Rede Brasileira de Educação Ambiental - e da REBAL - Rede Brasileira de Agendas 21 - , com o objetivo de mapear os processos , as metodologias e os sujeitos sociais envolvidos.

NOTAS CURRICULARES

Jacqueline Guerreiro Aguiar

Professora, Prefeitura do Rio de Janeiro e Universidade Cândido Mendes. Consultora, Programa Municipal de Educação Ambiental do Rio de Janeiro. Enraizadora, Processo Formativo em Educação Ambiental-Escolas Sustentáveis, UFOP. Integra Conselho para Políticas de Desenvolvimento Sustentável e Agenda 21, CIEA –RJ, Conselho Estadual de Meio Ambiente do RJ, Coordenação do FBOMS e Colegiado Nacional da REBEA.

Carlos Frederico Castelo Branco

Militante na área de Comunicação e Meio Ambiente. Integrante da REBEA e REARJ. Facilitador da Rede Brasileira de Agendas 21 e da Rede RPPNs do Brasil. Foi Coordenador do Programa Agenda 21 do Governo do RJ. Integrante da Câmara de Compensação Ambiental do Conselho Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro.

NOVAS FORMAS DE SENSIBILIZAR OS JOVENS PARA AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

António Eloy
ant.eloy@gmail.com
CEEETA

Palavras-chave: biodiversidade; alterações climáticas; sustentabilidade.

Todos os problemas do nosso ambiente estão interligados e dar conta deles em termos educativos requer cada vez mais a utilização de novas formas de comunicação, ela também a atravessar uma fase de desestruturação. As apresentações nas escolas com ebooks e/ou videos são uma base para captar emoções e gerar novos focos de interesse dos alunos.

NOTAS CURRICULARES

António Eloy

Formador de professores, em "Integração da Educação Ambiental nos Currículos", Outubro/Novembro 1999, Outubro/Novembro de 2000 e Outubro/Dezembro 2002, Fevereiro/Março 2004, Abril/Maio 2005. Formador módulo sobre "Políticas Europeias", cursos de Cestaria e Cerâmica (IEFP) Outubro/Novembro 2004. Formador de auxiliares educativos Julho 2004, "Valorização de Recursos". Coordenador técnico e responsável pela área de diagnóstico económico das Agendas XXI dos 9 concelhos portugueses do Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular (Dezembro 2003 a Março 2004). Consultor da "Expo 98" de 1993 a 1998, área de Educação Ambiental. Coordenador pedagógico do projecto Aprender a Gostar dos Oceanos, no âmbito do programa Oceanofilia (Expo 98), 96/98. Professor Auxiliar (convitado), dos cursos de Ciência Política&Sociologia, na Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, de 1996 a 2001 Professor Auxiliar (convitado), da cadeira Introdução à EcoEconomia, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 94/97.

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL – UMA NOVA ABORDAGEM DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Tiago Carrilho

t carrilho@zoo.pt

Jardim Zoológico de Lisboa

Palavras-chave: tecnologia; educação; conservação; ferramentas educativas.

Actualmente, uma das mais importantes missões dos Jardins Zoológicos é a Educação para conservação da biodiversidade. Por outro lado, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) estão a evoluir rapidamente e existem cada vez mais utilizadores. Para melhorar a educação e a formação, uma grande parte das organizações e instituições educativas estão a investir nas TIC, promovendo melhores oportunidades de educação. A combinação entre a tecnologia e os programas educativos em Parques Zoológicos são uma importante estratégia para envolver as pessoas e mudar a forma como vêm e interpretam o mundo a sua volta. Neste Workshop vão ser apresentadas algumas ferramentas educacionais que, quando usadas da forma correcta, poderão ser preponderantes na consolidação e transmissão de conhecimento e na transformação de programas educativos em momentos muito mais motivadores e dinâmicos. O Workshop abordará algumas teorias sobre as ferramentas

educativas, as melhores formas para as usar, vantagens e desvantagens. Após esta introdução mais teórica, os participantes serão convidados a usar algumas ferramentas e apps educativas em ambiente Windows 8.1. Actualmente, uma grande parte da população tem acesso às TIC, logo é essencial que todos os educadores saibam tirar o maior partido possível dessas tecnologias. Através de ferramentas tecnológicas estamos a contribuir para uma forma facilitada e melhorada para um ensino mais eficaz que contribui para a mudança do comportamento humano.

NOTAS CURRICULARES

Tiago Carrilho

Biólogo e Técnico Educativo no Centro Pedagógico do Jardim Zoológico. Actualmente a frequentar o Mestrado de Educação e Tecnologias Digitais no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

BIOMUSEOLOGIA - SINERGIAS CRIATIVAS DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO LOCAL

Rita de Cássia Pedreira

ritapedreira@ig.com.br

ARCABOUÇO - Ensino de Arte; Cultura e Sustentabilidade

Eráclito Pereira

eraclito@ufrgs.br

Iracly Wanderley

ciciea.wf@gmail.com

Palavras-chave: preservação; patrimónios; territorialidade; pertencimento; mediação.

A oficina pretende de forma prática desenvolver atividades que explicitem os conteúdos e tecnologias do conceito biomuseológico em territorialidades de pertencimento, grupos e indivíduos que valorizem seus patrimônios naturais e culturais, portanto ambientais, mediante a sustentabilidade econômicas e de suas memórias. Desenvolvendo para tal práxis da criação de um ACERVO PARTICIPATIVO e DIALOGANTE (APD), junto as comunidades acadêmicas; empresariais e populares!

OBJETIVOS: •Caracterizar e estimular a percepção do patrimônio local enquanto um fator de desenvolvimento individual e coletivo. Tendo como suporte norteador a Educação Ambiental; •Estimular a produção de

suportes documentais (impressos, áudio-visual, digitais, iconográficos) sobre a memória comunitária; •Materializar uma ferramenta (APD) de auxílio sustentável para as comunidades.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS: •Levantamento de concepções prévias sobre a temática; •A memória como eixo articulador para montagem de um mapa conceitual aplicativo; •Provocação por meio de imagens, fatos e relatos de intervenção na realidade; •Pressupostos orientadores: cultura, patrimônio local e preservação do que tratam?; •O acervo enquanto dispositivo dialogante: modelo explicativo das relações patrimoniais; •Biomuseologia experiências práticas: Acervo Documental de Vila do Rosado (Rio Grande do Norte).

NOTAS CURRICULARES

Rita de Cássia Pedreira

Museóloga; Idealizadora da BIOMUSEOLOGIA; Especialista em Educação Ambiental para a Sustentabilidade; Gestora da ARCABOUÇO – Ensino de Arte, Cultura e Sustentabilidade – ME.

MONITORIZAR, LIMPAR E EDUCAR PARA UM MAR SEM LIXO

Paula Sobral

ap.lixomarinho@gmail.com

FCT - UNL / APLM

Sofia Quaresma

FCT - UNL / APLM

Flávia Silva

flaviasilva.aplm@gmail.com

FCT-UNL / APLM

Filipa Ferro

filipaferro.aplm@gmail.com

FCT-UNL / APLM

Palavras-chave: lixo marinho; limpeza de praia.

Todas as pessoas gostam de frequentar a praia pelas memórias ou pelo sentimento de paz que esta nos disponibiliza. Apesar de todos os esforços municipais para que as praias estejam limpas, muitas vezes, ao cuidadosamente observar o areal, encontramos vestígios da presença humana. Sabe-se que 80% do lixo marinho tem origem terrestre e que muito deste se acumula em zonas costeiras e, que entre 70 a 90% desse lixo são plásticos. A Associação Portuguesa do Lixo Marinho (APLM) pretende com este evento, partilhar metodologias úteis na limpeza de praia, de acordo com metodologias nacionais e internacionais, que

permitam uma recolha eficiente dos materiais encontrados. Junte-se a nós, nesta visita à praia da Torreia, com o intuito de unir esforços para a limpar, com base nas nossas metodologias. Juntos, por um mar sem lixo.

NOTAS CURRICULARES

Paula Sobral

Bióloga, Doutorada em Ciências do Ambiente, Professora da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (Departamento de Ciência e Engenharia do Ambiente) Lecciona Ecologia Marinha e das Águas interiores e Poluição da Água ao curso de Engenharia do Ambiente. Desenvolve investigação em microplásticos e lixo marinho desde 2008. Coordenadora do projecto pioneiro “Poizon - Microplásticos e poluentes persistentes. Uma dupla ameaça à vida no mar” (2010-2014, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia) Coordenadora nacional do projecto europeu MARLISCO - Juntos por um mar sem lixo - sensibilização social e co-responsabilização nos mares europeus. Fundadora da Associação Portuguesa do Lixo Marinho, na qual desempenha o cargo de Presidente.

Sofia Quaresma

Colaboradora na FCT-UNL, licenciada em Engenharia do Ambiente (Especialidade de Gestão e Recuperação Ambiental) pelo ISA - ULisboa, e com Grau de Mestre em Engenharia do Ambiente, Perfil Gestão e Sistemas Ambientais pela FCT-UNL, tem trabalhado nos últimos anos na área de Educação Ambiental, nomeadamente nos projetos MARGov e MARLISCO.

Flávia Silva

Motivada pelo tema da Poluição Ambiental por Lixo Marinho, a partir de um projeto de investigação de Microplásticos em praias, no Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil; Membro fundador da Associação Brasileira do Lixo Marinho - ABLM: <http://www.globalgarbage.org.br/portal/> e da Associação Portuguesa do Lixo Marinho - APLM: <http://www.aplixomarinho.org/>, dinamiza em Portugal, a campanha internacional de combate a ingredientes plásticos na composição de cosméticos e produtos de higiene “Beat the Microbead”. Como Educadora Ambiental, coordena o núcleo regional do Alto Minho da Associação Portuguesa de Educação Ambiental.

Filipa Ferro

Finalizou em 2013 o Mestrado Integrado em Engenharia do Ambiente na FCT-UNL. Desde então tem trabalhado na mesma instituição em processos de construção do conhecimento coletivo, sensibilização e educação ambiental. Atualmente integra a equipa do projeto europeu MARLISCO e do projeto nacional VoW – Value of Waves. É voluntária da APLM.

OFICINAS DE SENSIBILIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE

Marina de Aquino Ferreira

marinadeaquino@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos / UFScar

Roseli Aquino-Ferreira

roseliaqf@usp.br

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto / USP

Palavras-chave: educação ambiental e arte; arte-educação; papel do educador.

As Oficinas de Arte-Educação com foco em temas ambientais têm sido muito utilizadas como um eficaz instrumento de sensibilização de adultos, jovens e crianças. Durante a realização destas oficinas são transmitidos conhecimentos básicos sobre meio ambiente, gestão ambiental e sustentabilidade socioambiental, além de noções sobre o descarte dos resíduos gerados no cotidiano, a importância do descarte adequado e reflexão sobre o princípio dos 3Rs (reduzir, reutilizar e reciclar). O objetivo dessas oficinas é fazer com que os participantes sejam estimulados, de forma lúdica, a refletir sobre suas relações com a natureza, seus hábitos e seu comportamento em relação ao consumo, ao uso e ao descarte de diferentes materiais e, ações de preservação e conservação do meio ambiente. Paralelamente ao objetivo principal pode se observar outros resultados tais como a mudança de hábitos, a multiplicação de

conhecimentos, a ampliação de relações interpessoais saudáveis e ainda a oportunidade de geração de renda extra por parte dos participantes, através de práticas sustentáveis como Oficina Artesanal e Artística de Papel e Confeção de Filtros dos Sonhos, que segundo os indígenas desempenham um papel fundamental para decifrar as mensagens contidas nos sonhos como importante tarefa de sua passagem pela Terra. Essas reflexões possibilitam também a percepção sobre o papel do educador, sua implicação no processo de formação e a emergência de seu compromisso, participação e envolvimento. Dentre as etapas a serem desenvolvidas, destacam-se a sensibilização, buscando a percepção do ambiente natural, do construído e o ambiente de si mesmo; a criação que propõe potencializar a criatividade e a imaginação, fazendo uso de uma diversidade de materiais e a troca de conhecimento; a reflexão com a análise de valores dos princípios orientadores e dos saberes gerados pelo grupo. Nesse contexto, a oficina busca a expansão da percepção humana em relação ao meio ambiente e suas maneiras de estar e pertencer ao mundo, suscitando interações mais harmônicas entre a ecologia, educação, cultura e arte.

NOTAS CURRICULARES

Marina de Aquino Ferreira

Graduação em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). cursando Educação Física na mesma universidade. Participou do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde) articulado ao Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), vinculado a Unidade Básica de Saúde (UBS) em São Carlos, SP.

Roseli Aquino-Ferreira

Bióloga, FFCLRP, USP, Curso de Especialização Agentes em Sustentabilidade Socioambiental, USP, Mestrado em Ciências, FMRP, USP. Doutoranda, IGCE, UNESP, campus de Rio Claro. Membro da Comissão de Gestão Ambiental e da Comissão Local USP Recicla, campus da USP de Ribeirão Preto. Experiência em Gestão Integrada de Resíduos e Educação Ambiental.

O CAMINHO INDIVIDUAL PARA UMA SUSTENTABILIDADE GLOBAL - CONFEÇÃO DE SABONETES, CREMES E DESODORIZANTES NATURAIS

Albertina Raposo

albertina@ipbeja.pt

Instituto Politécnico de Beja

Sueli Ventura

sueliventuri@hotmail.com

MARE Departamento de Ciências do Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da
Universidade Nova de Lisboa

Palavras-chave: sustentabilidade; educação ambiental; sabonetes naturais; detergentes; redução de consumo.

Sendo defendido por inúmeros autores que não há uma sustentabilidade global sem um trabalho de caráter regional, local e pessoal, propomos nesta oficina a realização de alguns produtos que usamos no nosso dia a dia como sabonetes, cremes, desodorizantes ou mesmo modos simples e eficazes de reduzir o consumo de detergentes e produtos de limpeza de forma que cada cidadão possa dar o seu contributo para o alcance de um planeta sustentável. O objetivo é criar uma corrente de educadores que possam disseminar essas práticas e modos de fazer nas escolas e nas comunidades causando um efeito multiplicador na redução de produtos químicos e aumentando os usos de produtos mais naturais. Este processo é uma retoma dos modos tradicionais de produção de produtos de

limpeza existentes em todos os países lusófonos e a valorização do contributo de cada cidadão.

NOTAS CURRICULARES

Albertina Raposo

Engenheira Agrimensora. Doutoranda em Ambiente e Sustentabilidade. Voluntária da LPN. Pesquisadora: MARE UNL. Pesquisa e atuação: consultoria e auditoria urbana, Democracia e participação, Conservação e ética ambiental, observadora e relatora: Governança e Participação Pública atua em vários processos na área do mar. Técnica em Higiene Segurança e Medicina do Trabalho.

Sueli Ventura

Engenheira Agrimensora. Doutoranda em Ambiente e Sustentabilidade. Voluntária da LPN. Pesquisadora: MARE UNL. Pesquisa e atuação: consultoria e auditoria urbana, Democracia e participação, Conservação e ética ambiental, observadora e relatora: Governança e Participação Pública atua em vários processos na área do mar. Técnica em Higiene Segurança e Medicina do Trabalho.

BACIA HIDROGRÁFICA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Sabrina Dinorá Santos do Amaral

sdsamaral@hotmail.com

Rede da Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade e Comitê de Gerenciamento da
Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos - COMITESINOS

Palavras-chave: bacia hidrográfica; participação social; educação ambiental; comitê de gerenciamento.

A efetivação de uma Educação Ambiental voltada para o território, se dá a partir da percepção que os atores sociais deste espaço apresentam. Uma estratégia que, nos últimos anos, têm proporcionado inúmeras iniciativas coletivas no âmbito da Educação Ambiental para o Território, se dá com recortes territoriais a partir de Bacias Hidrográficas. Cenário de inúmeros conflitos climáticos, de usos, de poluição e de atores sociais, a bacia hidrográfica se constituiu como um instrumento de gestão, de educação, de intervenção e de participação coletiva para todos aqueles que lutaram e lutam pela transformação social e pelo resgate da qualidade de vida e do ambiente para todos, ancorando ações dos mais variados programas e projetos que visam sociedades sustentáveis. Porém, uma premissa que deve ser dada devida visibilidade, é o pouco conhecimento da população, quanto aos organismos de gestão participativa da bacia. O que evidencia a necessidade de momentos lúdicos onde a população pode vivenciar as

tensões e esperanças do território, através de uma construção coletiva. De encontro a essa realidade, se construiu a oficina “Bacia hidrográfica e participação social”, tendo como proposta metodológica a cartografia social, com a construção de um mapa socioambiental baseado nas colaborações dos participantes, em momentos de reflexão e crítica sobre o território, no que tange as questões de conflitos e impactos ambientais. O ideário coletivo da realidade do território, se dá nesta oficina a partir de simulações de diferentes atores sociais, tendo como base a representatividade de um Comitê de Gerenciamento de Bacia Hidrográfica, que através de consensos e tomadas de decisões, constroem um mapa expressando seus saberes, conflitos e suas possibilidades de intervenções.

NOTAS CURRICULARES

Sabrina Dinorá Santos do Amaral

Mestre em Educação e doutoranda Em Qualidade Ambiental. Especialista em Educação Ambiental e Coordenadora do Departamento de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Educação de Taquara - RS. Integrante da REJUMA e da REASUL. Facilitadora do GT Educação Ambiental e Agenda 21 do FBOMS.

NO RASTO DOS MAMÍFEROS

Milene Matos

milenamatos@ua.pt

Unidade de Vida Selvagem, Departamento de Biologia & CESAM, Universidade de Aveiro

Lúcia Lopes

lopesluciam@gmail.com

Fundação Mata do Buçaco

Palavras-chave: mamíferos; biodiversidade; interpretação; pegadas; educação.

Workshop prático sobre a ecologia, morfologia e identificação de mamíferos, através dos seus indícios de presença. Será utilizado um kit pedagógico e disponibilizado material para construir moldes de pegada em gesso, que os participantes poderão levar consigo. Dificuldade: Fácil. Organização: Fundação Mata do Buçaco & Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro.

NOTAS CURRICULARES

Milene Matos

Licenciada e doutorada em Biologia pela Universidade de Aveiro. Tem formação complementar em ilustração científica, educação ambiental, gestão florestal sustentável, Comunicação de Ciência e Ciências da Comunicação. Atualmente é investigadora no DBio-UA, dedicando-se à comunicação de ciência e promoção da cultura científica e dos valores naturais.

Lúcia Lopes

Licenciada em Biologia e Mestre na área da Ecologia, pela Universidade de Aveiro. Atualmente é responsável na FMB pela dinamização de monitores e atividades das ações de disseminação do projeto BRIGHT, consultadoria, monitorização da biodiversidade e acompanhamento técnico-científico de todas as operações florestais.

Mesas redondas

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E GESTÃO/REDUÇÃO DE RISCO DE DESASTRES

Mário Freitas

pmariofreitas@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina

Palavras-chave: educação ambiental; gestão de risco de desastre; redução de risco de desastre; políticas públicas.

A Educação Ambiental (EA), tal como hoje a assumimos, tem quase cinco décadas de existência. Sua presença no âmbito das políticas públicas de educação, com maior ou menor grau de efetividade, é um traço comum à generalidade dos países. No que à América Latina se refere, a EA “nos últimos 30 anos teve grande incremento na sua presença e qualidade nos países de toda a região”, contudo, e algo contraditoriamente, os “retrocessos nas políticas ambientais em toda a AL levam-nos a questionar a efetividade das políticas e iniciativas de EA” (SORRENTINO, 2014, sp). As causas de tais retrocessos estão, em nossa opinião, relacionadas com opções de desenvolvimento e os referidos retrocessos contribuem para o reforço da criação de cenários de risco. Embora, pelo menos até ao momento, a vertente da Gestão/Redução de Risco de Desastres não se tenha constituído como uma preocupação estruturante da Educação Ambiental (EA), ela começa a estar presente, nas reuniões e documentos

referenciais mais recentes. Assim, a Declaração de Lima, aprovada no passado setembro no Perú, no VII Congreso Iberoamericano de Educación Ambiental manifesta intenção de incluir a Educação para a Gestão/Redução de Risco de Desastre (EGRD/ERRD) entre as preocupações da EA. A citada Declaração, logo na página 4, numa parte titulado com “Reafirmamos”, realça a importância da incorporação de preocupações relacionadas com a “redução da vulnerabilidade” e a “resiliência”. Depois de reafirmar que a EA em sua “a perspectiva transformadora e política, é uma dimensão indispensável para viver em plenitude”, o documento reafirma que “a sustentabilidade da vida exige que se garanta a redução da vulnerabilidade da população, seus meios de vida e seu bem estar cultural, assim como assegurar sua resiliência” e, um pouco mais adiante, fala do fortalecimento “das capacidades organizativas das comunidades, em torno das necessidades quotidianas e os eventos extremos, segundo seus próprios meios de organização” (PERU, 2014, p. 4). Finalmente, postula, de forma clara, o empenho em “... articular a educação ambiental e a educação para a gestão de risco de desastres, como uma forma de garantir a sustentabilidade da vida e construir sociedades seguras e resilientes, promovendo a participação ativa e o envolvimento da população”. (PERU, 2014, p. 5). Mas com o poder a Educação para a Gestão/Redução de Risco fazer parte estruturante da(s) identidade(s) do Campo da EA? Até que ponto ela, se abordada de forma integrada, pode ajudar a dar uma maior consistência a essa identidade? Como isso poderá ajudar a dar novo destaque à EA no que se refere a

Políticas Públicas, uma vez que as Políticas Públicas de Gestão de Risco se vêm assumindo, em muitos países, como estruturantes e integradas à generalidade das restantes políticas públicas, em particular, de ambiente, de conservação, de saúde, de planejamento territorial e urbano, de desenvolvimento regional, etc.? Que recomendações gerais poderão ser feitas para os países lusófonos e para o mundo?

NOTAS CURRICULARES

Mário Freitas

Graduação em Biologia e Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Educação. Professor aposentado da Universidade do Minho, professor permanente voluntário no Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina. Pesquisador em Gestão de Risco (bolsista da FAPESC), Gestão Ambiental e Educação Ambiental.

O PROCESSO DE AMBIENTALIZAÇÃO NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Mara Lúcia Figueiredo

maraluciafg@unifebe.edu.br

Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE

Antonio Fernando Guerra

guerra@univali.br

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI

Irene Carniatto

irenecarniatto@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Palavras-chave: ambientalização; currículo,; educação superior; sustentabilidade; educação ambiental.

Pretende-se apresentar um breve panorama de trabalhos e metodologias relacionados à temática da ambientalização e definição de indicadores de sustentabilidade no processo de institucionalização da Educação Ambiental nas Instituições de Educação Superior (IES). Historiciza o tema, resgatando estudos da Rede de Ambientalização Curricular de Estudos Superiores (Rede ACES) nos anos 2000, da Red de Indicadores de Sostenibilidad en las Universidades (Rede RISU), destacando trabalhos de diagnóstico realizados em 13 IES brasileiras associadas à Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental (REASul) e à Alianza de Redes Iberoamericanas por la Sustentabilidad y el Ambiente (ARIUSA).

Objetivamos socializar saberes, experiências, avanços e desafios referentes à ambientalização e sustentabilidade nas Universidades; ampliar o diálogo e fortalecer a integração com universidades participantes da Rede Lusófona com outras Redes Universitárias de Educação Ambiental; e discutir os rumos da inserção da sustentabilidade socioambiental no processo da Institucionalização da dimensão socioambiental na formação de profissionais na Educação Superior.

NOTAS CURRICULARES

Mara Lúcia Figueiredo

Pós-doutora em Educação Ambiental, Professora-pesquisadora do Comitê de Sustentabilidade do Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE. Membro da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental (REASUL), das Redes Brasileira (REBEA), Lusófona e da Alianza de Redes Iberoamericanas de Universidades por la Sustentabilidad y el Ambiente (ARIUSA).

Antonio Fernando Guerra

Pós-doutor em Educação Ambiental, Professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Núcleo das Licenciaturas da Universidade do Vale do Itajaí - Univali. Membro da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental, Redes Brasileira (REBEA), Lusófona e da Alianza de Redes Iberoamericanas de Universidades por la Sustentabilidad y el Ambiente (ARIUSA).

EXPERIÊNCIA FORA DE PORTAS - NECESSÁRIA OU ACESSÓRIA?

Maria João Correia

maria.joao.correia@aspea.org
ASPEA

Fátima Matos Almeida

fma.aspea@netcabo.pt
ASPEA

Palavras-chave: actividades ar livre; percepção ambiental; ecocidadania.

A literatura sobre educação ambiental e sobre actividades ao ar livre há muito que referem que as experiências de aprendizagem no exterior, em ambientes “naturais”, podem resultar em maior consciencialização e acção pro-ambiental. Nesta mesa redonda pretende-se reflectir sobre a efectividade do contacto com a Natureza na formação de atitudes e motivações ambientalistas. Será que em contexto natural podemos desenvolver, em melhores condições, as nossas potencialidades, atitudes, conhecimentos, auto-estima, auto-confiança, independência, além do conhecimento e compromisso com o mundo natural? Que competências podemos desenvolver? Ou por outro lado, estaremos a perpetuar o mito do Bom Selvagem ao insistirmos, sem questionar, no fortalecimento da relação Homem-Natureza? Alguns estudos reportam a relação positiva

entre a percepção dos serviços dos ecossistemas e a conservação, ou melhor, o reconhecimento dos benefícios pessoais da natureza e a vontade de os preservar. Será esta uma mensagem a reter pelos educadores quando planeiam os seus programas de educação ambiental? Ou esta é uma atitude instrumentalista da natureza que queremos evitar? As pessoas constroem significados sobre o ambiente que as rodeia com base nas percepções geradas pelas suas experiências, e é com base nessas percepções que actuam! Sabendo isto, será legítimo perguntar se todas as actividades ao ar livre são emocionantes e agradáveis, e se sistematicamente reforçam atitudes positivas face ao ambiente? Ou geram invariavelmente atitudes e motivações ambientalistas? Talvez não. Uma vez que existe uma ampla gama de experiências, a percepção é altamente variável e pode levar a equívocos. Esses equívocos, por sua vez podem ser reforçados por relações desiguais de poder dentro e entre as instituições e as populações, e conduzir a uma falta de vontade de agir. Por que razão, e apesar de tudo o que a Natureza nos proporciona, insistimos em cingir-nos a espaços “artificiais” de aprendizagem, quando a natureza está à nossa disposição, lá fora? Poderá ser esta uma estratégia de ultrapassar as dificuldades em sala de aula e promover novas atitudes intelectuais, físicas, espirituais, sociais e morais? Como é que as situações de cooperação, conflito, medo, liderança, relacionamento entre pares, ou de resolução de problemas, que encontramos em actividades de exterior, conduzem a mais e melhores aprendizagens, mais e melhores ecocidadãos? Confiança, atenção, tolerância e vontade de dar e aceitar

apoio são características das actividades ao ar livre, que oferecem também oportunidades para expor e desenvolver um comportamento interpessoal eficaz de trabalhar cooperativamente, que os profissionais de educação muitas vezes ignoram ou esquecem. E sobre os profissionais de educação ambiental? Terá o contacto com a natureza ao longo das suas vidas sido fundamental para as suas motivações, atitudes, e práticas educativas? Estas são as questões que orientam a roda de conversa, numa partilha de experiências, de reflexões e inquietações que, esperamos, possam esclarecer a relevância da educação ambiental “fora de portas” que há já alguns anos promovemos.

NOTAS CURRICULARES

Maria João Correia

Licenciada em Biologia e mestre em Ecologia Humana. Gestora de projectos educativos. Colabora com ONG's, empresas, centros de investigação e municípios na implementação de projectos de educação e sensibilização ambiental, projectos de educação científica e projectos de formação de professores e monitores. Vice-presidente da ASPEA.

Fátima Matos Almeida

Cofundadora e Presidente da ASPEA – Associação Portuguesa de Educação Ambiental de 1992 a 2013. Atualmente Secretária-Geral. Vice-presidente da Fundação CEI - Caretakers of the Environment International, co-organizadora da Conferência Internacional CEI - Connecting Mings, Creating the Future for the Oceans, 28 junho a 4 julho 2015, Oeiras, Portugal.

REDE INTERNACIONAL CHARCOS COM VIDA

Lucía Parente
lucia@adega.gal
ADEGA

Ramsés Pérez
ramses@adega.gal
ADEGA

Palavras-chave: rede internacional; charcos; voluntariado.

Charcos com Vida nasce em 2010, em Portugal como um projeto para o inventário de charcos, máis outras atividades de construção e manutenção. É também uma iniciativa de educação ambiental para a descoberta destes ecossistemas. Em 2013, o projeto começou a sua carreira na Galiza. Desde então, as duas iniciativas têm feito muitas atividades para a divulgação e preservação destas áreas e as espécies que suportam tanto na Galiza como em Portugal. A razão para a mesa redonda irá discutir a situação dos projetos em cada um dos países que realizam iniciativas semelhantes. A intenção é que a Rede Galego - Portuguesa actualmente existente pode ser expandida para outros países lusófonos, onde as charcas podem ser usadas e creadas como recursos didáticos e pontos importantes para a conservação da Biodiversidade. Terao cabida

nesta mesa aquelas entidades que realizem projectos semelhantes em seus países.

NOTAS CURRICULARES

Lucía Parente

Licenciatura em Biologia (Universidade de Santiago de Compostela. Galiza). Mestrado em conservação e biodiversidade (Universidade de Valencia. Espanha), Mestrado em Gestão A cooperação internacional e dasONGs (Universidade de Santiago de Compostela. Participou dem projectos de conservação da biodiversidade e da pesca artesanal em Costa Rica, Cabo Verde, e diferentes lugares da Espanha. Na Galiza está dedicada a educação ambiental desde 2010, coordenando diversos projetos de conservação, voluntariado ambiental e custódia do território.

Ramsés Pérez

Licenciado em Ciências da Educação, especialidade em Intervenção Socioeducativa (Universidade de Santiago de Compostela. Galiza). Fundador do colectivo de Educação Ambiental APERTA e A Casa da Terra (1992 -2000). Técnico Coordenador em Plans de Motivação Social de Recogida Selectiva de Resíduos. Coordenador de Programas de Projectos de Educação Ambiental de ADEGA e de Projecto Ríos desde o 2001.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO SUPERIOR PARA A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

Dulce Pereira

dmp.escomvida@gmail.com

UFOP

Gilberto Fernandes

gilberto@em.ufop.br

UFOP

Tatiane Souza

afritati@gmail.com

UFOP

Jéssica Maria dos Santos

jessicamariabarretos.ufop@gmail.com

UFOP

Palavras-chave: escolas sustentáveis; arquitetura; currículo; gestão.

A criação de referências para a transversalização da educação ambiental no ensino superior, dedicada à construção de espaços educadores sustentáveis nos países e comunidades lusófonas, requer diálogos entre o ensino de arquitetura e engenharia civil com as demais áreas do conhecimento, principalmente com as ciências ambientais. Nesse sentido o emprego dos conhecimentos em ciências e engenharia dos materiais no cumprimento do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis, Responsabilidade Global e Avaliação Sistêmica do Milênio,

assim como no cumprimento das metas da UNESCO na década dedicada à Educação para o Desenvolvimento Sustentável, deve investir em revisões curriculares no sentido de incorporar consideração sobre as complexidades nos territórios e a atualização conceitual concernente à responsabilidade ética com a redução dos processos que conduzem à morte entrópica do Planeta. A presente proposta tem como objetivo reunir pesquisadores e professores que atuam na proposição de Processos Formativos com vistas à aplicabilidade das premissas da sustentabilidade nas práticas de engenharia e arquitetura referenciada nos conhecimentos transdisciplinares voltados para a proteção dos ecossistemas e bem viver. Dada a atualidade do tema e o espaço da lusofonia no contraste entre diferenças e aproximações culturais, celeiro de tecnologias sustentáveis, é oportuno e necessário debater formas de dar concretude á cooperação para a aplicação e desenvolvimento de ecotecnologias, imprescindíveis à ideia de espaço educador sustentável. Esta mesa-redonda contará com a participação de seis pesquisadores, dois facilitadores, cada qual trará uma parte de suas experiências e práticas dentro do processo formativo. Esperamos com este debate criar mais acúmulos críticos e epistemológicos que possam servir de base para debates que consolidem os processos de ambientalização das instituições de ensino superior e consolidação de referências de sustentabilidade no processo de ensino-aprendizagem.

NOTAS CURRICULARES

Dulce Pereira

Arquiteta, mestre e doutora em Engenharia de Ciência de Materiais, foi Secretária Executiva dos Países de Língua Portuguesa, especialista em Geo-Política, Multiculturalismo e Gerenciamento de Conflitos. José Cícero Rocha Nascimento.

A LITERACIA DO OCEANO NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Raquel Costa

raquel.costa@emepc.mam.gov.pt

Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental

Carla Gomes

carladelacerdagomes@gmail.com

ASPEA

Ana Noronha

anoronha@cienciaviva.pt

Ciência Viva - Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica

Palavras-chave: literacia do oceano; cooperação; mobilização.

Nas últimas décadas tem surgido, um pouco por todo o mundo, a consciência de que a abordagem ao Oceano deve ser feita de um modo integrado e ecossistémico. De facto, na comunidade científica hoje não há dúvidas que o Oceano não apresenta fronteiras e que define cada vez mais o nosso planeta. Nos Estados Unidos, iniciam-se em 2002, as primeiras discussões sobre a Literacia do Oceano (Oceans Literacy Framework), a qual se traduz pela compreensão da influência que o Oceano tem em nós e a influência que nós temos no Oceano. Em 2009 esta Framework identifica 7 Princípios Essenciais e cruza-os com os diferentes níveis de ensino. Em 2011, a Agência Nacional para a Cultura Científica e

Tecnológica - Ciência Viva desenvolve o projeto “Conhecer o Oceano”, em colaboração com instituições científicas nacionais, e adapta a iniciativa norte-americana sobre a Literacia do Oceano a Portugal. Deste modo, e tendo como ponto de partida o documento que surgiu desta adaptação torna-se fundamental procurar iniciativas concertadas para trabalhar o Oceano Global. Portugal tem feito um esforço para colocar a Literacia do Oceano na sua agenda educativa e política, sendo um dos objetivos da Estratégia Nacional para o Mar (ENM) 2013-2020. O projeto “Kit do Mar”, coordenado pela Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma do Mar, é um exemplo da execução do programa de ação dessa estratégia. Outros projetos educativos como Encontros do Mar (Associação Portuguesa de Educação Ambiental) e o método Oceans-on® são também exemplos e uma importante mais-valia para o incremento da literacia dos Oceanos em Portugal. Na ENM e também na Estratégia para os Oceanos da CPLP, Portugal propõe a cooperação em projetos no âmbito da literacia dos oceanos que mobilizem a comunidade educativa e a sociedade civil para o conhecimento aprofundado do Oceano, com base nos princípios de igualdade e de benefício mútuo. Durante a mesa redonda será adotada uma metodologia participativa, recorrendo à partilha de conhecimentos e experiências entre os atores dos diferentes países da lusofonia. Temos como objetivo promover o debate, mas também encontrar, soluções, em conjunto, e ideias concretas que promovam a Literacia do Oceano entre os países de língua portuguesa. Deste modo pretende-se criar parcerias para disseminar o conhecimento sobre os Oceanos nas suas vertentes histórica,

cultural, social, económica, científica e ambiental promovendo a cidadania informada, responsável e participativa com maior consciência para a importância do Oceano.

NOTAS CURRICULARES

Raquel Costa

Geóloga marinha e assessora da Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental. Coordena os projetos educativos de sensibilização e educação para o mar, nomeadamente o projeto nacional “kit do mar”, “Professores a bordo” e “A ponte entre a Escola e a Ciência Azul”.

Carla Gomes

Dedica-se desde 1997, à Educação Marinha em Portugal. No Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores foi coordenadora de vários programas, publicou e produziu materiais pedagógicos. Foi facilitadora da Rede de Educação Marinha dos Açores; do Centro Virtual de Interpretação Marinha dos Açores e coordenadora pedagógica em Centros de Ciência. Atualmente dedica-se ao desenvolvimento do seu método pedagógico Oceans-On® e faz parte da Associação Portuguesa de Educação Ambiental.

Ana Noronha

Doutorada em Física desenvolve a sua actividade na Ciência Viva desde 1998, sendo actualmente directora executiva. Tem coordenado e acompanhado directamente projectos nacionais e internacionais na área da ciência e sociedade, em particular projectos europeus na área do mar (Sea for Society, Sea Change e Atlantic Ocean Research Alliance – SA).

POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES RUMO À SUSTENTABILIDADE

Naziel de Oliveira

naziel@seed.pr.gov.br

Secretaria de Estado da Educação do Paraná-SEEDPR - Brasil

Palavras-chave: educação ambiental; políticas públicas; identidades; sustentabilidade.

Em pleno século XXI, em meio a uma sociedade em constante transformação a Educação Ambiental se coloca como interlocutora entre o desenvolvimento e a relação responsável do Homem frente às questões sociais e ambientais. As políticas públicas em Educação Ambiental vêm corroborar tal Interlocução propiciando o respaldo legal e permitindo a necessária transposição da política de Governo para uma política de Estado criando e fortalecendo laços entre os diversos setores da Sociedade, evitando com isso, a descontinuidade de ações desenvolvidas pelos atores ambientais, além de gerar direitos e deveres que direta e indiretamente contribuem para consolidação do equilíbrio ambiental para às presentes e futuras gerações. O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, no quarto princípio diz: “A Educação Ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato

político, baseado em valores para a transformação social”. O fato da Educação Ambiental não ser neutra e ser um ato político nos permite inferir que as Políticas Públicas são indispensáveis para legitimar todo o trabalho de interlocução nas questões locais globais, bem como, naqueles assuntos primordiais relacionados à saúde, democracia, fome, degradação da flora e fauna e tantos outros viéses que contribuem para uma sociedade sustentável. A expressão “No in my backyard” que em tradução livre significa “não no meu quintal” foi cunhada por determinados segmentos da sociedade norte americana que sentia-se refém, em seu entorno, da instalação de empresas poluidoras, aterros sanitários e ausência de saneamento básico. Deste quadro de iniquidade social, em 17 de outubro de 1991, em Washington, EUA, lideranças reunidas criaram o documento de referência para questões relacionadas ao movimento justiça ambiental. Dos 17 princípios do referido documento, o de número 12, recorre explicitamente à importância da Política, enquanto orientadora e asseguradora de direitos e acessos iguais a escala de recursos naturais. Diante destes e de muitos outros fatos que norteiam a questão ambiental local e global visualizamos nas Políticas Públicas um instrumento indispensável para construção de um ordenamento jurídico que possibilite comunidades locais, Estados/Províncias construírem a partir de suas identidades ambientais, propostas que sejam fruto de diversos setores da sociedade para que possibilite alcançar o maior número de pessoas amparadas pela política ambiental. Trata-se também de um exercício de Cidadania e de uma Democracia participativa onde a

lei não seja uma construção singular, verticalizada e descendente, mas, que possa ser forjada no seio das comunidades para efetivamente representar o povo e seus interesses econômicos, sociais, ambientais rumo à sustentabilidade.

NOTAS CURRICULARES

Naziel de Oliveira

Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas, Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Especialista em Educação Ambiental e Prática Escolar, Mestrando no Ensino de Ciências e Matemática, Professor de Ensino Superior e Coordenador do Curso de Técnico em Meio Ambiente na Rede Pública de Educação do Paraná.

PARCERIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O LIXO MARINHO - JUNTOS POR UM MAR SEM LIXO

Paula Sobral

ap.lixomarinho@gmail.com

APLM

João Frias

joaofrias.aplm@gmail.com

APLM

Filipa Ferro

filipaferro.aplm@gmail.com

APLM

Palavras-chave: lixo marinho; parceria; visão estratégica; sustentabilidade.

A Associação Portuguesa de Lixo Marinho (APLM), signatária do Protocolo de Honolulu e tendo como missão os mesmos objetivos descritos no Compromisso de Honolulu, relativo à redução do lixo marinho nos oceanos, pretende com esta atividade unir diferentes atores sociais (stakeholders) com o intuito de desenvolvimento de uma visão estratégica conjunta para a redução do lixo marinho. O lixo marinho é um problema global para o qual devem ser encontradas soluções locais, regionais e nacionais. Através do diálogo e da sinergia entre parceiros, pretendemos trazer a debate a problemática deste assunto, focando nos efeitos e consequências ambientais, sociais e económicas que afetam diretamente

o ambiente, as pescas e o turismo. Cerca de 80% do lixo marinho tem origem terrestre, e segue para o oceano através dos rios e estuários ou através do vento e de tempestades. No mar, devido às correntes oceânicas, podem percorrer grandes distâncias ou ficar retido em giros, que são zonas de acumulação. Embora limpar o oceano seja uma tarefa difícil, é possível reduzir as quantidades de lixo marinho que chegam ao mar através de sensibilização, educação ambiental, campanhas de limpeza de praia, envolvimento de comunidades locais, educação para o desenvolvimento sustentável e outras ferramentas que têm por base as pessoas da comunidade local. Além de dar a conhecer a Parceria Portuguesa para o Lixo Marinho, esta mesa redonda, pretende averiguar a disponibilidade de integração na Parceria de Países de Língua Portuguesa para o Lixo Marinho. Desde já contamos com o apoio de todos, para que consigamos avançar, por um mar sem lixo!

NOTAS CURRICULARES

Paula Sobral

Bióloga, Doutorada em Ciências do Ambiente, Professora da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (Departamento de Ciência e Engenharia do Ambiente) Lecciona Ecologia Marinha e das Águas interiores e Poluição da Água ao curso de Engenharia do Ambiente. Desenvolve investigação em microplásticos e lixo marinho desde 2008. Coordenadora do projecto pioneiro “Poizon - Microplásticos e poluentes persistentes. Uma dupla ameaça à vida no mar” (2010-2014, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia). Coordenadora nacional do projecto europeu MARLISCO - Juntos por um mar sem lixo - sensibilização social e co-responsabilização nos mares europeus. Fundadora da Associação Portuguesa do Lixo Marinho (APLM), na qual desempenha o cargo de Presidente.

João Frias

Engenheiro do Ambiente, aluno de Doutoramento através da Fundação para Ciência e Tecnologia em Ciências do Ambiente. Trabalha no tema dos microplásticos, desde 2008, altura em que iniciou o mestrado em Engenharia Ecológica. Autor e co-autor de vários artigos científicos relacionados com o

tema do lixo marinho. É membro fundador da APLM, na qual é responsável pelos contactos internacionais.

Filipa Ferro

Engenheira do Ambiente. Investigadora desde 2012 do projecto europeu MARLISCO (Marine Litter in European Seas: Social Awareness and CO-Responsibility), financiado pela Comissão Europeia no âmbito do 7º Programa-Quadro (FP7) para a Investigação & Desenvolvimento. Através deste projeto tem sido porta-voz da mensagem da minimização dos impactes e quantidades de lixo marinho em escolas e municípios. Antiga colaboradora do Naturlink. Integra a equipa da APLM com várias responsabilidades a nível da coordenação e dinamização de atividades.

TRANSDISCIPLINARIDADE EDUCACIONAL EMANCIPATÓRIA – CONSTRUINDO CONHECIMENTO COLABORATIVAMENTE

Lia Vasconcelos

ltv@fct.unl.pt

MARE Departamento de Ciências do Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da
UNL

Sueli Ventura

sueliventuri@hotmail.com

MARE Departamento de Ciências do Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da
Universidade Nova de Lisboa

Candida Rocha

candida.rocha@apea.pt

Universidade de Aveiro

Palavras-chave: transdisciplinaridade; conhecimento interdisciplinar; ABP; comunidade de prática.

O Laboratório de Conhecimento Interdisciplinar (LCI) surge em 2012 fortalecendo um intercâmbio e uma relação de trabalho mais próxima com a FCSH (Iva Miranda Pires), e substituindo o Laboratório de Pensamento Crítico (2002-2012) coordenado por Lia Vasconcelos (FCT), dando apoio nomeadamente aos estudantes de três doutoramentos – Ambiente e Sustentabilidade, Avaliação Tecnológica e Ecologia Humana. O modelo de suporte consiste em espaços de encontro científico de partilha de ideias, reflexão crítica, debate e exploração de linhas de investigação.

Defendendo um espírito aberto e crítico que a atividade científica deve ter, estes espaços de diálogo, dirigidos nomeadamente à orientação científica recorrem a uma discussão de grupo positiva e crítica, e destinam-se a permitir ultrapassar contextos mais formalizados. Este laboratório de discussão demonstrou ser uma contribuição muito valiosa para a qualificação e desenvolvimento das capacidades científicas e sentido crítico dos participantes. A importância atribuída pelos estudantes às atividades do laboratório traduziu-se numa crescente procura que, inclusivamente, excedeu os orientandos mais diretos, envolvendo inclusive, investigadores doutorados de outras instituições, professores visitantes, antigos alunos, e estudantes orientados por outros, comungando da mesma busca de uma estrutura conceptual, crítica e teórica. Estes formatos de acompanhamento científico têm por base metodologias inovadoras de ensino resultantes de uma proposta pedagógica cujos pressupostos têm a sua raiz remota no construtivismo de John Dewey e na pedagogia de Paulo Freire visando tornar o estudante num agente ativo e recorrendo a práticas como Problem Based Learning (PBL, ou Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Este processo permite criar o que tecnicamente se chama uma comunidade de prática, promovendo o desenvolvimento de um espírito crítico nos participantes e fomentando a troca de ideias e partilha de conhecimentos contribuindo para a construção de capital social (na forma de relações entre os participantes) e capital intelectual (na forma de novo conhecimento). O LCI distingue-se da clássica abordagem educativa segmentada, sendo

caracterizado por dois aspetos interligados mas distintos: •o modelo/processo – a reprodutibilidade em termos institucionais é teoricamente possível, contudo grande parte do potencial deste grupo é a sua informalidade, o ser voluntario, e conseqüentemente dificilmente é compatível com ser formatado o que pode inclusive ser nocivo para o seu sucesso; •a prática/dinâmica específica do grupo – resulta de quem conduz o processo, das características dos alunos (que se pautam por uma insatisfação com o “run of the mill”, “curiosidade” insaciável) e dos temas selecionados pelos discentes, muito diversificados e de interface. Assim, a reprodução desta prática de excelência está condicionada à construção deste tipo de ecossistema, que não é passível de cópia nem tão pouco de institucionalização (no sentido clássico da palavra) e que surge na sequêcia do modelo/processo evolutivo, emergente e auto-organizado. A prática apoia-se num conjunto de pressupostos de respeito mútuo quer pessoal quer ao nível do conhecimento entre todos os participantes, que é intensamente promovido pelas coordenadoras. Coordenadoras e investigadores envolvidos debaterão as lições aprendidas, fatores de sucesso e estratégias para ultrapassar dificuldades, capacitando os presentes em para a replicação destas metodologias noutros contextos.

NOTAS CURRICULARES

Lia Vasconcelos

Professora na Universidade Nova de Lisboa desenvolve metodologias para mobilizar/envolver stakeholders em processos colaborativos visando novas formas de governância. Coordenou o Projecto MARGov modelo colaborativo de governância para áreas marinhas e coordena a componente

participativa do FP7 MARLISCO - www.marliscoportugal.org para consciencialização social/corresponsabilidade face ao lixo marinho.

Sueli Ventura

Engenheira Agrimensora. Doutoranda em Ambiente e Sustentabilidade. Voluntária da LPN. Pesquisadora: MARE UNL. Pesquisa e atuação: consultoria e auditoria urbana, Democracia e participação, Conservação e ética ambiental, observadora e relatora: Governância e Participação Pública atua em vários processos na área do mar. Técnica em Higiene Segurança e Medicina do Trabalho

Candida Rocha

Engenheira do ambiente e com um Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais, encontra-se presentemente a desenvolver a sua tese de doutoramento na área das perceções sociais face a alterações climáticas. É também secretária geral da Associação Portuguesa de Engenheiros do Ambiente.

A REDE PARDELA: TRABALLO EN REDE PARA MELLORAR A XESTIÓN DOS ESPAZOS NATURAIS PROTEXIDOS

Carmen Borobio Vázquez

ceida@ceida.org

CEIDA, Centro de Extensión Universitaria e Divulgación Ambiental de Galicia

Ana Belén Pardo Cereijo

ana.pardo@ceida.org

CEIDA, Centro de Extensión Universitaria e Divulgación Ambiental de Galicia

Palavras-chave: rede; conservación; xestión; espazos protexidos; análise.

A mesa redonda pretende analizar a traxectoria da Rede Pardela, Rede Hispano-Lusófona de Xestores de Espazos Naturais Protexidos de Angola, Cabo Verde, Guinea Bissau, Sao Tomé e Príncipe, Mozambique e Galicia, desde as súas orixes ata a actualidade. O obxectivo principal é detectar fortalezas, debilidades, desafíos e oportunidades que a rede presenta para propoñer futuras liñas de actuación e traballo en equipo. Búscase realizar un traballo participativo cos representantes de todos os países involucrados na rede, recollendo as súas necesidades.

PANORAMA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ESTADO DE ALAGOAS (BRASIL)

Fátima Rebelo Figueiredo Graça

fatimarebelofg@bol.com.br

Secretaria de Estado da Educação de Alagoas

Maria Betânia da Silva Almeida

mariabalmeida2004@ig.com.br

Secretaria Municipal de Educação de União dos Palmares

Carlos Jorge da Silva Correia

carloscorreia1986@gmail.com

Universidade Federal de Alagoas

Palavras-chave: educação ambiental; estado da arte; alagoas; Brasil.

Esta atividade tem por objetivo reunir educadores ambientais para apresentar e discutir alguns dos principais processos educativos ambientais já desenvolvidos e em andamento no Estado de Alagoas (Brasil). Assim, acredita-se que, na dinâmica coletiva de debates de uma mesa redonda e nas trocas que daí surgem, traçar um sucinto estado da arte da educação ambiental em Alagoas há de nos permitir, em última instância, expandir horizontes e atribuir novos significados às experiências e práticas acumuladas. Nesse sentido, dentre os processos que constituem nossas trajetórias, serão debatidos nesta mesa redonda: 1) As políticas públicas voltadas ao engajamento da juventude nas questões ambientais,

especialmente no contexto de articulação e participação nas Conferências Nacionais Infanto-juvenis pelo Meio Ambiente (CNIJMA) com a consequente constituição de Coletivos Jovens pelo Meio Ambiente (CJs); 2) A concepção e implementação do Programa de Educação Ambiental Lagoa Viva, uma parceria público-privada entre a Secretaria Estadual de Educação, diversas outras secretarias municipais de educação ao redor do estado e o Instituto Lagoa Viva e, ainda, 3) O estímulo à organização de redes de educadores ambientais e a práticas de gestão ambiental, tais como a Rede de Educação Ambiental de Alagoas (REAAL) e a Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental de Alagoas (CIEA). Com isso, pretende-se fazer um resgate de vivências que podem dizer muito acerca da educação ambiental no Brasil, em geral, e em Alagoas, no particular. Em outras palavras, esta atividade lança um olhar reflexivo sobre o que se passou com a intenção de traduzi-lo em aprendizagens e perspectivas novas, favorecendo visões e saberes atualizados acerca de experiências em educação ambiental na escola e fora dela.

NOTAS CURRICULARES

Fátima Rebelo Figueiredo Graça

Pedagoga, Coordenadora de Educação Ambiental da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas.

Maria Betânia da Silva Almeida

Licenciada em Química, Técnica de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Educação de União dos Palmares.

Carlos Jorge da Silva Correia

Biólogo, Universidade Federal de Alagoas.

Eventos paralelos

EDUCACIÓN E COMUNICACIÓN DO CAMBIO CLIMÁTICO

Pablo Ángel Meira Cartea

pablo.meira@usc.es

Universidade de Santiago de Compostela

Anabela Carvalho

carvalho@ics.uminho.pt

Universidade do Minho

Marilia Torales

mariliat.ufpr@gmail.com

Universidade Federal do Paraná

Palavras-chave: cambio climático; comunicación ambiental; educación ambiental; representacións sociais.

Dende o punto de vista da investigación social sobre como as sociedades humanas integran no seu cotián problemas ambientais que son identificados e construídos inicialmente no campo da ciencia, o cambio climático constitúe a “tormenta perfecta”. Facemos esta analogía en base ás reflexións que pretendemos estruturen este grupo de traballo: - O cambio climático (“alteracións climáticas” ou “mudanzas climáticas”) non sería unha ameaza seria e “real” de non existir un esforzo científico inmenso por acoutar este problema e por identificar a responsabilidade humana nas súas causas principais. - Como “obxecto científico” é extremadamente complexo e está sometido a distintas formas de

incerteza, dende a incerteza epistémica propia do método científico, ata a que deriva da dificultade para coñecer e valorar todas as variables e como inter-actúan na dinámica da modificación do clima, ben no presente ou na súa proxección cara posibles escenarios de futuro. - Na súa transposición á sociedade aparecen outras fontes de incerteza, dende as relacionadas coa súa comprensión e valoración por públicos cientificamente legos, ata a incerteza cultivada por campañas educativas e de comunicación negacionistas. - Non existe outro reto socio-ambiental coa mesma capacidade de totalizar e entrelazar en termos de causas, efectos e solucións todas as problemáticas e desafíos, sexan ambientais ou sociais, que ten formulada a humanidade para o século XXI: o cambio climático é unha perturbación totalizadora das sociedades humanas e das relacións que establecen na biosfera. - No momento actual verifícase unha asintonía crecente entre as alarmas que proceden da comunidade científica, actualizadas e exacerbadas coa recente presentación do V Informe do IPCC, e a perda de relevancia do cambio climático nas axendas públicas, nomeadamente na mediática, na política e na educativa. A incapacidade para consensuar globalmente un acordo que substitúa ao Protocolo de Kioto é unha mostra desta erosión social da súa relevancia. Neste escenario a Educación e a Comunicación ambientais que toman como obxecto o cambio climático enfrontan múltiples retos. O seminario centrarase en tres: a análise das representacións sociais do cambio climático para entender como cultura científica e común están hibridándose nos procesos de interacción social sobre esta ameaza; como

contribúen estas representacións ao recoñecemento e valoración do potencial de ameaza percibido pola poboación como claves pragmáticas nas respostas individuais e colectivas fronte a esta ameaza; e, terceiro, no papel de diversos axentes da educación e a comunicación ambientais como mediadores para potenciar a relevancia do cambio climático e estimular modelos sociais e culturais alternativos na liña da mitigación das causas antrópicas do cambio climático e da adaptación diante dos impactos xa inevitables.

NOTAS CURRICULARES

Pablo Ángel Meira Cartea

Doutor e Profesor de Educación Ambiental na Universidade de Santiago de Compostela. Autor e coautor dunha centena de publicacións sobre a teoría e a identidade da educación ambiental, as políticas públicas neste campo e as representacións sociais do cambio climático e o seu tratamento educativo.

Anabela Carvalho

PhD, University College London. É Profesora Asociada no Departamento de Ciencias da Comunicación da Universidade do Minho, Portugal e membro do Centro de Comunicación e Investigación Social. A súa investigación céntrase nas formas en que o ambiente e a ciencia son tratados mediáticamente con especial énfase nas mediacións do cambio climático.

Marilia Torales

Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vice-presidente da Associação Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental (NEREAInvestiga). Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Santiago de Compostela-Espanha (2006). Realizou estágio de doutorado na Université de Montréal sob orientação do Prof. Maurice Tardif. Possui formação de pós-doutorado (2008) no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA-FURG), e pós-doutorado (2007) no Grupo SEPA-Interea da Universidade de Santiago de Compostela com pesquisas voltadas aos campos da Pedagogia Social e da Educação Ambiental.

PARTICIPACIÓN SOCIAL NA CONSERVACIÓN DOS ECOSISTEMAS FLUVIAIS. A REDE IBÉRICA DE PROYECTO RÍOS

Ramsés Pérez Rodríguez
ramses@adega.gal
ADEGA

Manuela Oliveira
mariamso@gmail.com
ASPEA

Palavras-chave: educación ambiental; voluntariado ambiental; participación social; ecosistemas fluviais; custodia.

A preocupación polos ecosistemas fluviais tense incrementado nos últimos anos ao mesmo tempo que se veñen ensaiando novas maneiras de xestionar o patrimonio natural e cultural, nomeadamente a custodia do territorio. O Proxecto Ríos é esencialmente unha iniciativa de intervención socioambiental nos ecosistemas fluviais, no que o voluntariado ambiental é a peza fundamental. Sen o seu labor, os distintos proxecto non tería acadado a actual repercusión e, grazas á súa participación, teñen aumentado e diversificado as propostas e accións desenvolvidas nos ecosistemas fluviais. Neste evento paralelo repasaranse algunhas das cuestións ligadas á participación cidadá polos ecosistemas fluviais e

presentanse diversas estratexias para desenvolver iniciativas de estudo, conservación ou restauración fluvial.

NOTAS CURRICULARES

Ramsés Pérez Rodríguez

Licenciado en Ciencias da Educación, especialidade de Intervención Socioeducativa (USC). Fundador do Colectivo de Educación Ambiental APERTA e de A Casa da Terra (1992 -2000). Técnico Coordinador do Plan de Motivación Social de Recogida Selectiva de Residuos no Consorcio de As Mariñas e Coordinador de Programas e Proxectos de Educación Ambiental de ADEGA e de Proxecto Ríos desde o 2001.

CICLO ECOSOCIALISMO OU BARBÁRIE: DIÁLOGOS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, AGROBIODIVERSIDADE EPOLÍTICAS PÚBLICAS DE TRANSIÇÃO PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS

Marcos Sorrentino

sorrentino.ea@gmail.com

Oca - Laboratório de Educação e Política Ambiental - ESALQ/USP

Fernanda Moraes

fernandacmoraes@yahoo.com.br

NACE-PTECA Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão Universitária em Educação e
Conservação Ambiental – USP

Vivian Battaini

vivian_battaini@yahoo.com.br

Oca - Laboratório de Educação e Política Ambiental - ESALQ/USP

Mariana Paz

maripazms@gmail.com

Oca - Laboratório de Educação e Política Ambiental - ESALQ/USP

Maria Henriqueta Andrade Raymundo

henriquetamma@yahoo.com.br

Oca - Laboratório de Educação e Política Ambiental - ESALQ/USP

Luciana Ferreira da Silva

lucianaf09@gmail.com

Oca - Laboratório de Educação e Política Ambiental - ESALQ/USP

Palavras-chave: educação ambiental; políticas públicas; diálogos; ecossocialismo; barbárie.

A busca pelo aumento da potência de agir, motivada pela perplexidade diante da conjuntura de degradação socioambiental, e os compromissos assumidos pela Oca – Laboratório de Educação e Política Ambiental de continuidade das atividades do I Simpósio de Políticas Públicas e Educação Ambiental se desdobram na realização do “Ciclo Ecosocialismo ou Barbárie: diálogos sobre educação ambiental, agrobiodiversidade e políticas públicas de transição para sociedades sustentáveis”. Em diálogo com o Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão Universitária em Educação e Conservação Ambiental (NACE-PTECA – USP) e com outros parceiros, elaborou-se a proposta de realização de encontros periódicos em diferentes territórios do Brasil e outros espaços que tenham como foco a Educação Ambiental, contribuindo para o diálogo e a organização comunitária comprometidas com a construção de sociedades sustentáveis. O nome Ecosocialismo ou Barbárie procura resgatar a importância dos diálogos sobre utopias ambientalistas, ecologistas, socialistas e humanistas de todos os tempos, como antídoto à barbárie. A filosofia política iluminando a construção de políticas públicas que orientem a transição ou os caminhos de transição para sociedades sustentáveis. A barbárie procura expressar, além da degradação socioambiental, sentimentos de alienação, indignação, impotência de agir, niilismo e depressão que acometem boa parte da humanidade. Com a frase no título “diálogos sobre a educação ambiental, agrobiodiversidade e políticas públicas de transição para sociedades sustentáveis” a intenção é reforçar a ponte entre as políticas públicas, a ação educadora

ambientalista e os avanços técnicos científicos da compreensão sobre as interações ecossistêmicas. Ainda, no campo da Agrobiodiversidade inserem-se questões importantes para a conjuntura atual - biodiversidade, transgênicos, agrotóxicos, disputas por patentes, soberania e segurança alimentar, acesso aos recursos naturais, agronegócio, reforma agrária e agricultura familiar, dentre outras conexões possíveis. Busca-se um aprofundamento analítico sobre o panorama da questão socioambiental na contemporaneidade e as suas possíveis conexões com as utopias ecossocialistas e humanistas em geral. Dentro de uma perspectiva de análise crítica sobre o desenvolvimento histórico do ambientalismo, sua realidade conjuntural e seus possíveis desdobramentos, procura-se estimular uma cidadania ativa que realize ações educadoras que contribuam na transição para sociedades sustentáveis. O Ciclo de Diálogos é um projeto, apresentado ao Cnpq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que consiste na oportunidade de manter um processo contínuo, com periodicidade, que produza um movimento de reflexão, ação e fortalecimento da potência de agir de cada um e do coletivo. Dessa forma a Oca e o NACE-PTECA deram início ao Ciclo em 04 de fevereiro de 2015 na ESALQ/USP com a presença de 70 pessoas e outras 300 via transmissão online da TV USP. O Ciclo prevê a realização de um encontro mensal em diferentes localidades até março de 2016. Para tanto, o que se propõe aqui é um encontro do Ciclo a realizar-se durante o III Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa, para o número máximo de 40

pessoas envolvidas dentro de 3 a 4 horas de atividades para reflexões, diálogos e encaminhamentos das sugestões construídas coletivamente.

NOTAS CURRICULARES

Marcos Sorrentino

Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Doutor em Educação e pós-doutorados na USP e na Universidade de Brasília. Foi Diretor de EA do Ministério do Meio Ambiente (2003 a 2008). Coordena o Laboratório de Educação e Política Ambiental (Oca) da ESALQ/USP.

Fernanda Moraes

Engenheira Florestal. Mestranda do Programa Ecologia Aplicada (Esalq/CENA). Pesquisadora do NACE-PTECA e integrante da Oca.

ESCOLAS NA TRANSIÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

Dulce Maria Pereira

dulcemariapereira.br@gmail.com

Depto de Engenharia de Produção / CEAD da Universidade Federal de Ouro Preto e REAPES

Gilberto Fernandes

gilberto@em.ufop.br

UFOP

Palavras-chave: escolas sustentáveis; países lusófonos e Galicia; intercâmbio; carta lusófona .

A proposta objetiva a realização de um simpósio que tratará da construção crítica de diálogos e ações conjuntas de políticas públicas de Educação Ambiental para que as escolas dos países lusófonos e da Galícia se organizem como espaços educadores sustentáveis. Inclui reflexões sobre a proposta de educação para o desenvolvimento sustentável da UNESCO. Trata da formação de professores e da comunidade escolar, associando currículo, gestão e escola construída. Conduz ao compartilhamento de desafios, soluções e estratégias para o enfrentamento da crise sócioambiental. A programação assim se distribui: 1. Abertura com autoridades; 2. Palestra conceitual; 3. Mesa redonda e Plenária; 4. Grupos de Trabalho; 5. Plenária e, também; 6. Leitura de uma carta com declaração de compromissos e intencões consensuados. O Projeto Rios, de Portugal e o Programa Escolas Sustentáveis e COM-VIDA,

executado por universidades brasileiras, serão abordados como referência para ações conjuntas, que deverão considerar as múltiplas experiências dos povos e países que compõem a CPLP, incluindo-se a Galícia. Entre os resultados esperados está a identificação de potencialidades, de fragilidades, do potencial de cooperação entre os países e comunidades de língua portuguesa no campo das escolas sustentáveis, com a articulação de uma Rede Lusófona de Educação Ambiental. Finalmente, a construção de uma Agenda de Ações Locais compartilhadas e de uma declaração final consensuada. A proposta inicial é apresentada por instituições brasileiras. Entretanto, se aprovada, será organizada com parceiros de instituições dos países e comunidades participantes do Congresso.

NOTAS CURRICULARES

Dulce Maria Pereira

Arquiteta, professora universitária, pesquisadora, coordenadora do laboratório Agenda21 e Núcleo de Estudos do Futuro. E membro da REAPES, da REBEA e da RUPEA. Coordena o Programa de Formação em Escolas Sustentáveis. Integra a Rede Iberoamericana de Mulheres educadoras, pesquisadoras e cientistas e o Nucleo de estudos Afro-brasileiro da UFOP e também a Association for studies of the worldwide African Diaspora.

Gilberto Fernandes

Líder de movimentos socioambientais, integra a Rede de Educação Ambiental do Rio de Janeiro, a Rede Brasileira de Justiça Ambiental, o Fórum Fluminense de Comitê de Bacias e a Assembléia Permanente de Defesa do Meio Ambiente.

Visitas de estudo

QUINTA ECOLÓGICA DA MOITA - UM LABORATÓRIO VIVO PARA A EDUCAÇÃO

Bernardo Conde

quintaecologicadamoita@aspea.org
SCMA

Ana Jervis Cunha

quintaecologicadamoita@aspea.org
Quinta Ecológica da Moita (ASPEA/SCMA)

Joaquim Ramos Pinto

joaquim.pinto@aspea.org
ASPEA

Palavras-chave: educação ambiental; conservação da natureza; formação; cidadania; voluntariado.

A Quinta Ecológica da Moita (QEM) resulta do protocolo assinado entre a ASPEA (Associação Portuguesa de Educação Ambiental) e a SCMA (Santa Casa da Misericórdia de Aveiro) com vista à dinamização, por parte da ASPEA, de atividades de Educação Ambiental para o público em geral, famílias e escolas, na Mata da Moita, propriedade da SCMA, suportado por um programa anual de atividades, elaborado conjuntamente. A QEM engloba uma área agroflorestal de 15ha contendo a Mata da Moita, Centro de Educação Ambiental (antiga casa dos caseiros de 1827), trilhos pedestres, Horta Pedagógica Mandala, hortas familiares, comunitárias e empresariais para adoção, Apiário Pedagógico, rede de charcos e linhas de

água, Parque de Merendas e casa-de-banho seca, estando em desenvolvimento o Parque Pedagógico das Energias Renováveis e o projecto Herpetilia (facebook Herpetília), para uma melhor relação entre o Homem, anfíbios e répteis, em parceria com o Dep de Comunicação e Arte da UA. A elevada biodiversidade presente na floresta mista de carvalhos, sobreiros, loureiros, salgueiros, entre outros, a sua dimensão e a proximidade de 6km do centro de Aveiro confere a este local importância como refúgio para a conservação da vida selvagem e como espaço único na região, aliando a Educação Ambiental, a divulgação de ciência, a investigação, as artes, o lazer e a contemplação. Propõe-se uma visita de estudo à QEM, dando a conhecer o seu Centro de Educação Ambiental, os diversos projetos associados e um trilho guiado por técnicos, englobando a visita os charcos, Horta Pedagógica Mandala, Apiário Pedagógico e Mata da Moita.

NOTAS CURRICULARES

Bernardo Conde

Eng. Ambiental, Fotógrafo de Natureza e viagem, Educador Ambiental e técnico na SCMA. Faz parte da Equipa de Coordenação da Quinta Ecológica da Moita, em Aveiro.

Ana Jervis Cunha

Eng^a Zootécnica, Educadora Ambiental e Apicultora. Faz parte da Equipa de Coordenação da Quinta Ecológica da Moita, em Aveiro.

Joaquim Ramos Pinto

Professor e investigador, Presidente da Direção Nacional da ASPEA. Faz parte da Equipa de Coordenação da Quinta Ecológica da Moita, em Aveiro.

VISITA AO CORDÃO DUNAR DE S. JACINTO

Ana Peso

ana.peso@ua.pt

Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro

Ana Rodrigues

ana.rodrigues@ua.pt

Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro

Dulce Ferreira

dulce.ferreira@ua.pt

Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro e Agrupamento de Escolas de Ilhavo

Palavras-chave: duna; conservação; processos eólicos; biodiversidade; ria.

Fazendo uma visita às dunas, da Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto, será possível compreender o que é uma duna (sistema formado por acumulações de areia) e qual a importância da sua existência, pois constituem uma barreira natural entre o mar e a terra, condicionando o avanço da água do mar. In loco poderemos observar quais os processos eólicos envolvidos na formação de uma nova duna e como esta evolui, bem como os diferentes tipos de dunas. Ficaremos também a conhecer de que forma a fauna e flora características deste ecossistema contribuem para a sua manutenção e que medidas podemos e devemos adotar para a conservação do sistema.

NOTAS CURRICULARES

Ana Peso

Licenciada em Biologia, pós-graduação em Ecologia, Biodiversidade e Gestão de Ecossistemas. Exerce funções na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro como Bióloga e Comunicadora / Divulgadora de Ciência.

Ana Rodrigues

Licenciada em Meteorologia, Oceanografia e Geofísica. Foi consultora científica nas áreas de Clima e Ambiente. Exerce funções na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro como Bióloga e Comunicadora / Divulgadora de Ciência.

Dulce Ferreira

Professora de Física e Química, especializada em Educação Especial, doutorada em Educação e Formação. Exerce funções na Fábrica Centro Ciência Viva, Aveiro. As suas áreas de interesse incidem na educação científica e ambiental para todos, na articulação entre ambientes de aprendizagem formais e não-formais, e nas aproximações arte e ciência.

À DESCOBERTA DOS HABITANTES SELVAGENS ENTRE AS DUNAS DA RESERVA NATURAL

Victor Bandeira

victor.bandeira@ua.pt

Departamento de Biologia e CESAM, Universidade de Aveiro

Palavras-chave: biodiversidade animal.

Entre o Oceano e a Ria, permanece uma língua de areia que sustenta um dos mais bem conservados habitats dunares da Europa! A vegetação frágil, numa zona inóspita para tantas outras espécies, é o reduto de alguns seres vivos que arriscam a sobrevivência neste lugar único. À semelhança dos naturalistas que se aventuram em florestas e trilhos nunca antes percorridos, partiremos à descoberta da vida animal e dos seus vestígios num dos trilhos demarcados da Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto. Quando regressarmos à civilização, talvez tenhamos histórias de uma salamandra para contar, ou de um rasto de um pequeno carnívoro sarapintado?!

NOTAS CURRICULARES

Victor Bandeira

Licenciado em Biologia, possui um mestrado em Ecologia, Biodiversidade e Gestão de Ecossistemas pela Universidade de Aveiro e actualmente encontra-se a concluir o doutoramento em Biologia e Ecologia das Alterações Globais. É autor e/ou co-autor de diversas publicações científicas, onde se destaca um guia de mamíferos.

À DESCOBERTA DO PATRIMÓNIO IMATERIAL E CULTURAL DA MURTOSA

Agostinho Manuel Pinho de Oliveira

agostinho.oliveira@cm-murtosa.pt

Município da Murtosa

Januário Vieira da Cunha

januario.cunha@cm-murtosa.pt

Município da Murtosa

Palavras-chave: Murtosa; tradições; cultura; autenticidade.

Num percurso pedonal de aproximadamente 4 km, desafia-se o visitante a explorar as evidências físicas dos cais, ribeiras, ancoradouros e modos de vida de um povo, que até ao advento e vulgarização das novas vias de comunicação (ferro e autovias), fruto da privilegiada localização geográfica (no coração da Ria de Aveiro), se assumia como o principal “centro logístico e comercial da região”. Pululando pelos anais da história, conhecer-se-á um pouco das estórias destas gentes, desde tempos imemoriais simbioticamente ligadas ao elemento água: as marcas do fenómeno da emigração, o ideário em torno dos peixes e bivalves do mar e ria enquanto uma das principais atividades económicas, em especial das enguias; a indústria conserveira COMUR, o seu oportuno surgimento, crescimento e projeção atual no mundo; a ambição e o olhar de

modernidade desenvolvido no âmbito das políticas públicas implementadas; a visão estratégica de desenvolvimento seguida, que se alicerça numa economia verde e sustentável, enquanto elemento diferenciador e catalisador da melhoria de qualidade de vida das suas gentes. Toda esta amálgama de predicados e anseios casa na perfeição com o respeito pelo imaterial, o esforço constante de reportar para as gerações vindouras ou modos artesanais e as especificidades únicas do murtoseiro. Em suma, tudo isto e muito mais, numa viagem de experiências, marcada pela autenticidade, onde cada um de vós, poderá sentir a alma própria do murtoseiro.

NOTAS CURRICULARES

Agostinho Manuel Pinho de Oliveira

Licenciado em Direito pela Universidade Coimbra. Desempenha funções de Adjunto do Sr. Presidente na Câmara da Murtosa.

Januário Vieira da Cunha

Licenciado em Eng. Electrotécnica pela Universidade de Aveiro. Desempenha funções de Vice-Presidente na Câmara Municipal da Murtosa.

AVIFAUNA LAGUNAR – OLHAR ATENTO, ECOSISTEMA RICO

Januário Vieira da Cunha

januario.cunha@cm-murtosa.pt
Município da Murtosa

Agostinho Manuel Pinho de Oliveira

agostinho.oliveira@cm-murtosa.pt
Município da Murtosa

Palavras-chave: natureza; birdwatching; Ria de Aveiro; Murtosa.

O Município da Murtosa, pequena península no meio da Ria de Aveiro, situa-se num verdadeiro santuário para a avifauna, nesta que é a maior zona húmida do Norte de Portugal. Nos movimentos migratórios, as mais variadas aves de pequeno e médio porte, encontram na faixa litoral portuguesa, um raro local onde a pressão exercida pela presença humana, aliada a um ecossistema rico em alimentação, autêntica maternidade de bivalves e recursos piscícolas, permite o necessário descanso. Tendo como ponto de partida a Ribeira de Pardelhas, passando pelo Cabo Sobeira, embrenhando pelos percursos NatuRia, natureza adentro, esperam-se encontros, em habitat natural, com uma panóplia de espécies de maior ou menor porte, tais como: flamingos, garças, cegonhas brancas, mergulhões, pilritos, entre outras. Como se isto não bastasse, à observação acresce o

deleito de calcorrear um dos troços contíguos à Ria de Aveiro de maior beleza paisagística, a possibilidade de privar com as gentes locais, as suas ancestrais artes de pesca e o sentimento de pacífica convivência e respeito pela natureza. Este passeio levar-nos-á a olhar atentamente para o ecossistema, percebendo na sua singularidade pequenos detalhes que à vista desarmada passariam incólumes. O rigor científico não será descurado, pelo que o visitante poderá contar com o respaldo e conhecimento técnico de biólogos e birdwatchers que orientarão todo o percurso.

NOTAS CURRICULARES

Januário Vieira da Cunha

Licenciado em Eng. Electrotécnica pela Universidade de Aveiro. Desempenha funções de Vice-Presidente na Câmara Municipal da Murtosa.

Agostinho Manuel Pinho de Oliveira

Licenciado em Direito pela Universidade Coimbra. Desempenha funções de Adjunto do Sr. Presidente na Câmara da Murtosa.

RESERVA NATURAL DAS DUNAS DE S. JACINTO

Rosa Pinho

rpinho@ua.pt

Universidade de Aveiro; Dept^o Biologia

Angelina Barbosa

angelinas.barbosa@icnf.pt

ICNF

Palavras-chave: reserva; biodiversidade; cordão dunar; zonas húmidas.

A Reserva Natural das Dunas de São Jacinto está situada no extremo do cordão arenoso que se estende entre Ovar e a povoação de São Jacinto, limitada a poente pelo oceano Atlântico e a nascente por um dos canais da ria de Aveiro. Nesta Reserva um cordão dunar bem conservado, consolidado por vegetação espontânea, confina com uma área florestada a partir de 1888, com o objetivo de fixar as areias.

Na Reserva vamos desfrutar da Natureza e descobrir os "nichos" ecológicos numa mata de resinosas com núcleos de folhosas nas zonas mais baixas e ainda as espécies próprias de zonas húmidas junto aos charcos artificialmente abertos. Nas zonas de praia, as espécies pioneiras, vão, naturalmente, colonizando e fixando as areias, formando as dunas. Infelizmente nem tudo são "rosas" na Reserva há também acácias, espécies exóticas provenientes da Austrália e de comportamento invasor.

Será um dia bem passado, em contacto íntimo com a natureza, numa área que se transformou num local de refúgio para aves aquáticas graças a abertura de diversos charcos entre 1981 e 1984.

Na visita será contada a história da Reserva Natural e serão apresentadas as espécies de fauna e flora que fazem parte do ecossistema. Faremos ainda uma remoção simbólica de acácias pequenas, contribuindo assim para a diminuição da nossa pegada ecológica.

NOTAS CURRICULARES

Rosa Pinho

Bióloga, com especialização na área da botânica, sendo curadora do Herbário da Universidade de Aveiro. Tem desenvolvido várias atividades na área da divulgação científica e Educação Ambiental, envolvendo as escolas e o público em geral. Proferiu inúmeras palestras em escolas e outras instituições, sobre temas relacionados com a flora de Portugal. É autora de vários livros, obra completa e/ou capítulos, assim como artigos de carácter científico, técnicos, científico-pedagógicos e de divulgação em revistas e jornais. Estudar e dar a conhecer a flora e os seus habitats e a sua importância é uma das suas maiores preocupações, participando em várias ações da Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica (Ciência Viva), nomeadamente no Programa Biologia no Verão, onde guia o público em geral em vários ecossistemas ao longo do país. Colabora regularmente com a Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.

Angelina Barbosa

Curso Superior de Serviço Social; Pósgraduação em Educação Ambiental. Experiência Profissional: Parque Natural da Serra da Estrela e Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto - atividades de Informação Divulgação e Educação Ambiental, actividades de apoio ao desenvolvimento local, implantação de estruturas para visitação e acompanhamento de visitantes; apoio à investigação, material de divulgação e organização de eventos; participação em atividades de gestão.

OBSERVAÇÃO DE AVES – UM EXEMPLO PRÁTICO DE FÁCIL REPRODUÇÃO EM DIVERSOS AMBIENTES

David Santos

davidrodfrsantos@gmail.com

Palavras-chave: birdwatching; educação ambiental; heterogénea; pais e filhos; ciência do cidadão.

A observação de aves tem captado a atenção dos interessados no sentido de terem uma experiência de contacto com a Natureza. Existe literatura diversa que assume que a observação de aves é muitas vezes uma acção heterogénea, desde uma forma de competição como o “Big-day” ou o “Big-year”, a uma forma mais relaxada de presença no meio menos humanizado. Pode ser vista como um exemplo de aprendizagem por livre escolha (auto-didáctico) mais ou menos estruturado, ou algo desenvolvido com o cariz académico próprio da investigação em Aves. Uma actividade assim posiciona-se como uma espécie de educação ambiental, abrindo assim esta actividade, mais popular em determinados países que noutros, à participação dos cidadãos, desde as crianças aos adultos e, pode assumir também uma forma de partilha de conhecimento entre pais e filhos, alargando os conceitos de valores naturais a uma prática diária. São vários os exemplos disto, desde um indivíduo a registar a presença de uma ave,

que em seguida passa a tentar identificar as espécies, e alargar os seus conhecimentos e promover deslocações a zonas não-urbanas, até ao assumir da consciência ambiental como valor social e transversal. A actividade proposta de observação de aves procura versar sobre o aspecto mais simples que é a detecção de diferentes espécies observáveis num circuito pré-definido e que proporcionará a experiência que poderá ser replicada em quase todas as condições, podendo ou não assumir um papel de prática de Ciência dos Cidadãos.